

O CANDIDATO

PRIMEIRO ATO

CENA I

Murel e Pierre, um criado

Pierre está em pé, lendo um jornal. Murel entra, com um grande buquê que dá a Pierre.

MUREL: Pierre, onde está o senhor Rousselin?

PIERRE: Em seu escritório, senhor Murel. As damas estão no parque com sua inglesa e o senhor Onésime... de Bouvigny.

MUREL: Ah, um beato hipócrita meio doido dessa espécie? Esperarei que ele tenha ido embora, pois me basta vê-lo para me aborrecer!...

PIERRE: A mim também!

MUREL: Você também? E por quê?

PIERRE: Um fresco! Empinadinho! Unha de fome! Além do mais, eu acho que sei por que ele nos frequenta... (com ar misterioso) É por causa da senhorita.

MUREL, *sussurrando*: Louise?

PIERRE: Com certeza! Não fosse por isso os Bouvigny, que são nobres, não fariam tantos salamaleques a nós, burgueses!

MUREL, *à parte*: Ora, ora! Cautela. (alto) Não se esqueça de me advertir quando alguns senhores, dentro em pouco, vierem falar a seu mestre.

PIERRE: Todos ao mesmo tempo? Isso por que... teria algo a ver com as eleições? Pelo que se diz...

MUREL: Já chega! Ouça-me! Você vai me fazer o favor de ir até Heurtelot, o sapateiro, e implore a ele, em meu nome...

PIERRE: O senhor, senhor Murel, implorar algo a ele!

MUREL: Não interessa! Peça a ele para não esquecer nada!

PIERRE: Certo!

MUREL: E que ele seja exato! Que ele impressione todo mundo!

PIERRE: Certo, patrão! Vou correndo (*Ele sai*)

CENA II

MUREL, GRUCHET

MUREL: Ora, é o senhor Gruchet, se não me engano?

GRUCHET: Em pessoa! Pierre-Antoine, para te servir.

MUREL: Você nos dá tão pouco o prazer de sua presença!

GRUCHET: O que quer você? Com esses novos gostos dos Rousselin! Desde que eles frequentam Bouvigny, - um bestalhão, aquele lá, - eles me embaraçam!

MUREL: Como assim?

GRUCHET: Você não notou que o doméstico dele calça polainas! A madame não sai sem pelo menos dois cavalos e nos jantares que eles dão – pelo menos foi o que me disse Felicité, minha criada – os talheres são trocados a cada prato.

MUREL: Bem, isso não impede Rousselin de ser generoso prestativo!

GRUCHET: Ah, eu concordo! Ele é mais bobo que malvado. E para cumulo do ridículo, ele meteu na cabeça ser deputado. Ele faz discursos diante do espelho de seu guarda-roupa com espelho, e de noite, quando dorme, ele diz em sonhos expressões parlamentares.

MUREL: Meu Deus!

GRUCHET: Ah, é que esse título soa bem, deputado! Quando se anuncia: “Senhor Fulano de tal, deputado”, então todos fazem reverência! Em um cartão de visitas, depois do nome, “deputado”! Ah, isso é tão bom para os olhos! E em viagem, num teatro, onde quer que seja, se uma contestação é provocada, que um indivíduo seja insolente, ou mesmo que um policial ponha a mão em seu paletó: “Caro senhor, certamente você não sabe que eu sou deputado!”

MUREL, *à parte*: Você não se incomodaria em ser um, não mais que ele, meu bom amigo.

GRUCHET: Mas enfim, isso é tão esperto! desde que se tenha uma casa bem localizada, alguns bons amigos, e alguma influência...

MUREL: Ah! meu Deus! quando Rousselin for indicado!

GRUCHET: Um momento! Se ele se candidatar, ele poderia ser algo além de candidato de centro?

MUREL, *à parte*: Quem sabe?

GRUCHET: E nesse caso, meu caro, nós não devemos... Pois enfim, nós somos liberais, tua posição, naturalmente, te dá sobre os operários alguma influência!... Acho até que você lhes dá atenção demais! Eu sou a favor do povo, também, mas nem tanto quanto você! Não, não...

MUREL: Enfim, admitindo que Rousselin seja candidato...

GRUCHET: Eu votarei contra ele, está decidido.

MUREL, *à parte*: Ah, eu tinha razão em ser discreto! (*Alto*) Mas com tais sentimentos, que vai você fazer na casa dele?

GRUCHET: É para fazer um favor, ao jovem Julien.

MUREL: O redator de *l'Impartial*? Você, amigo de um poeta?

GRUCHET: Nós não somos amigos. Apenas, como eu o vejo às vezes no clube, ele implorou que eu o apresentasse ao senhor Rousselin.

MUREL: Em vez de pedir isso a mim, que sou um dos acionistas do jornal! Por quê?

GRUCHET: Isso eu não sei.

MUREL, *à parte*: Isso é estranho. (*Alto*) Bem, eu não acho que essa missão seja boa para você.

GRUCHET: E por quê?

MUREL, *à parte*: E esse Pierre que não volta! Eu já estou ficando preocupado... (*Alto*) Por quê? É que Rousselin detesta esses boêmios.

GRUCHET: Neste caso, no entanto...

MUREL: Neste caso principalmente! E mesmo há oito dias atrás... (*tira seu relógio de bolso*)

GRUCHET: O que te incomoda? Você parece está inquieto.

MUREL: Certamente.

GRUCHET: Os negócios, hein?

MUREL: Sim, meus negócios.

GRUCHET: Ah, eu já lhe tinha dito isso! Não me surpreende em nada.

MUREL: Ah, uma lição de moral, agora!

GRUCHET: Homem, escute, cavalos para equitação e para cabriolé, piqueniques, eu sei tudo sobre isso! Quando se é simplesmente o representante de uma companhia, não se pode viver como se tivesse o caixa da empresa no bolso.

MUREL: Tolice! Eu pagarei tudo que devo.

GRUCHET: Enquanto isso, se isso te constrange, porque não toma algum emprestado de Rousselin?

MUREL: Impossível!

GRUCHET: Eu sou menos rico que ele, e mesmo assim você pediu emprestado a mim.

MUREL: Sim, mas com ele é outra coisa.

GRUCHET: Outra coisa como? Um homem tão generoso, tão amável! Você tem algum motivo, meu bom amigo, para não se depreciar nessa casa.

MUREL: E qual seria?

GRUCHET: Você está cortejando a jovem moça, esperando um bom casamento...

MUREL: Ah, seu safado, vamos lá! Sim, eu a adoro... Adoro a senhorita Rousselin! Em nome do Céu, não falemos mais disso!

GRUCHET, *à parte*: Ah, ah! Você a adora! Eu acho que você gosta mais do dote dela!

CENA III

MUREL, GRUCHET, MME ROUSSELIN, ONÉSIME, MISS ARABELLE com um livro na mão.

MUREL, *oferecendo seu buquê a Mme Rousselin*: Permita-me, senhorita, a honra de te oferecer...

MME ROUSSELIN, colocando o buquê no gueridon à esquerda: Obrigada, meu caro.

MISS ARABELLE: Oh, as esplêndidas gardêneas!... e onde o senhor encontrou flores tão raras?

MUREL: Na minha própria casa, miss Arabelle, em minha estufa.

ONÉSIME, *com impertinência*: Ah, o senhor tem uma estufa?

MUREL: Uma estufa, e quente! Sim, senhor!

LOUISE: E nada lhe custa se for para agradar aos amigos.

MME ROUSSELIN: Exceto, talvez, esquecer suas preferências políticas.

MUREL, *à Louise, sussurrando*: Sua mãe está um tanto fria hoje.

LOUISE, *também sussurrando, como para tranquilizá-lo*: Oh!

MME ROUSSELIN, *à direita, senta-se diante de uma pequena mesa*: Senta-se aqui, meu caro Visconde. Aproxima-se, senhor Gruchet. Bem, eles afinal encontraram um candidato? O que me dizem?

GRUCHET: Muitas coisas temos para dizer, Madame. Alguns...

ONÉSIME, *interrompendo Gruchet*: Meu pai afirma que o senhor Rousselin nada faria além de se apresentar...

MME ROUSSELIN: Essa é a opinião dele?

ONÉSIME: Sem dúvida! E todos os nossos camponeses, que têm o interesse de acordo com as ideias dele...

GRUCHET: Mas essas ideias não estão totalmente de acordo com os princípios de 1789!

ONÉSIME, *rindo alto*: Hahaha! Os imortais princípios de 1789!

GRUCHET: Qual é a graça?

ONÉSIME: Meu pai sempre ri ouvindo essa expressão.

GRUCHET: Ei, mas sem 1789 não existiria deputados!

MISS ARABELLE: Você tem razão, senhor Gruchet, em defender o parlamento. Quando um gentleman está lá, ele pode fazer muita coisa boa.

GRUCHET: Para começar, pode viver em Paris durante o inverno.

MME ROUSSELIN: E isso é alguma coisa!... Louise, aproxima-se. Pois viver muito tempo na província é muito fatigante, não acha, senhor Murel?

MUREL, *com vivacidade*: Claro, Madame! (sussurrando para Louise). Mas se pode, no entanto, encontrar lá a felicidade.

GRUCHET: Como se esta pobre província tivesse apenas tolos.

MISS ARABELLE, *com exaltação*: Oh, não, não e não! Corações nobres palpitam à sombra dos velhos bosques. O rio se desenvolve mais amplamente sobre as planícies. Nestes cantos obscuros há, talvez, um gênio que brilhará! (Ela se senta)

MME ROUSSELIN: Que tirada, queridinha! Você está mais do que nunca com a veia poética!

ONÉSIME: Senhorita, na verdade, exceto por um leve sotaque, você acaba de nos descrever com detalhes "O Lago", do senhor de Lamartine... de um jeito...

MME ROUSSELIN: Mas você conhece essa peça?

ONÉSIME: Não, ainda não tive permissão para ler esse autor.

MME ROUSSELIN: Eu compreendo! Uma educação... séria! (Mme Rousselin passa um novelo de lã sobre os pulsos de Onésimo) Você poderia me fazer o favor? Os braços sempre estendidos... Oh, Assim está bem!

ONÉSIME: Oh, eu tenho prática nisso, eu até mesmo colaborei um pouco na paisagem em perolas que minha irmã Elizabeth te presenteou.

MME ROUSSELIN: Uma obra encantadora... Está na parede do meu quarto. Louise, quando você terminar de ler l'*Illustration*...

MUREL, *à parte*: Suspeitam de mim, isso é claro.

MME ROUSSELIN: Eu fiquei admirada, também, com os talentos de suas outras irmãs, na última vez que nós estivemos no Castelo de Bouvigny.

ONÉSIME: Minha mãe lá receberá em breve a visita de meu tio-avô, o bispo de Saint-Giraud.

MME ROUSSELIN: Monsenhor de Saint-Giraud, seu tio!

ONÉSIME: Sim! o padrinho de meu pai.

MME ROUSSELIN: Ele, nosso querido conde, nos abandona. É um ingrato.

ONÉSIME: Oh, não. Pois ele pediu para logo um encontro com o senhor Rousselin.

MME ROUSSELIN, *com ar satisfeito*: Ah!

ONÉSIME: Ele quer consultá-lo sobre um assunto... e eu acho que eu vi entrar agora a pouco o senhor Dodart.

MUREL, *à parte*: O tabelião! O que pode ser?

MISS ARABELLE: É verdade! E logo depois vem Marchais, o merceeiro, depois o senhor Bondois, o senhor Liégeard, e ainda outros.

MUREL, *à parte*: Diabo, o que significa isso?

CENA IV

Os mesmos, ROUSSELIN

LOUISE: Ah! Papai!

ROUSSELIN, *com um sorriso nos lábios*: Olha bem para ele, minha menina! Você pode se orgulhar dele agora! (*Abraçando a esposa*) Bom dia, minha querida!

MME ROUSSELIN: O que há, querido? Com essa cara de felicidade...

ROUSSELIN, *percebendo Murel*: Você aqui, meu caro Murel! Você soube já... e você quis ser o primeiro!

MUREL: Em que?

ROUSSELIN, *percebendo Gruchet*: E Gruchet também! Ah! Os meus amigos! Está bem, me sinto comovido! Realmente, todos os meus concidadãos...

GRUCHET: Não sabemos de nada!

MUREL: É, ignoramos completamente...

ROUSSELIN: Mas eles estão comigo! Eles me pressionaram!

TODOS: Eles, quem?

ROUSSELIN: Todo um comitê que propôs minha candidatura para representar o distrito.

MUREL, *à parte*: Nossa senhora! Fui passado pra trás!

MME ROUSSELIN: Que felicidade!

GRUCHET: E o senhor aceitará, talvez?

ROUSSELIN: Por que não? Eu sou conservador, e com orgulho!

MME ROUSSELIN: Você já lhes respondeu?

ROUSSELIN: Ainda não, eu queria sua opinião.

MME ROUSSELIN: Aceite!

LOUISE: Sem dúvida!

ROUSSELIN: Assim, vocês não veem nenhum problema?

TODOS: Nenhum – Pelo contrário – Vamos com isso!

ROUSSELIN: Francamente, vocês acham que eu faria bem?

MME ROUSSELIN: Sim! Sim!

ROUSSELIN: Bem, pelo menos poderei dizer que vocês me obrigaram. (*faz que está saindo de cena*)

MUREL, *o detendo*: Vai com calma! um pouco de prudência.

ROUSSELIN, *surpreso*: Por quê?

MUREL: É que uma candidatura assim talvez não seja algo muito sério.

ROUSSELIN: Como é que é?

CENA V

Os mesmos, depois MARCHAIS, MESTRE DODART.

MARCHAIS: Um servidor de suas excelências! Madames, por favor, me desculpem. Alguns senhores me disseram para ir ver o que estava fazendo Rousselin, e que ela preciso que ele venha! E que ele responda sim!

ROUSSELIN: Com certeza!

MARCHAIS: Porque o senhor tem uma boa experiência, e que o senhor será um bom deputado!

ROUSSELIN, *com exaltação*: Deputado!

DODART, *entrando*: Oi, meu caro senhor, estamos ansiosos!

MUREL, *à part*: Dodart! Um belo dum malandro, esse aí!

DODART, *à Onésime*: O senhor seu pai, que está no pátio, deseja falar contigo.

MUREL: Ah, seu pai está lá?

GRUCHET, *à Murel*: Ele veio com os outros. Olho vivo, Murel!

MUREL: Perdão, mestre Dodart. (*À Rousselin*) Imagine um pretexto... (*À Marchais*) Diga que o senhor Rousselin se acha indisposto e que ele dará sua resposta... logo. Categoricamente! (*Marchais sai*).

ROUSSELIN: Está aí uma coisa que é demais, por exemplo!

MUREL: Opa! Não se deve aceitar uma candidatura assim, parecendo muito ansioso.

ROUSSELIN: Há três anos que eu só tenho pensado nisso!

MUREL: Mas o senhor vai fazer uma besteira! Pergunte ao senhor Dodart, um homem cheio de sabedoria e que conhece a região, se ele acha sua eleição garantida (1).

DODART: Garantida, não! Eu acredito nela, no entanto. Nesses assuntos, afinal, não se pode jamais estar certo de nada. Tanto mais que nós não sabemos se nossos adversários...

GRUCHET: E eles são numerosos, os adversários!

ROUSSELIN: Eles são numerosos?

MUREL: Assustadoramente numerosos! (*À Dodart*) Vocês desculparão portanto o nosso amigo, que deseja um pouco de reflexão. (*À Rousselin*). Ah, mas se queremos arriscar tudo...

ROUSSELIN: Ele tem talvez uma certa razão (*à Dodart*) Sim, peça-lhes isso.

DODART: Muito bem, senhor Onésime. E então?

MUREL: É preciso obedecer ao pai.

ROUSSELIN, *à Murel*: Como, você também se vai? Por quê?

MUREL: Isso é segredo. Tenha calma, você verá.

CENA VI

ROUSSELIN, MME ROUSSELIN, LOUISE, MISS ARABELLE, GRUCHET

ROUSSELIN: O que ele vai fazer?

GRUCHET: Eu não sei de nada.

MADAME ROUSSELIN: Alguma extravagância?

GRUCHET: Sim. É um jovem estranho. Eu vim para com sua permissão apresentar um moço.

ROUSSELIN: Traga-o!

GRUCHET: Mas ele pode talvez não ser conveniente. O senhor pode ter alguma restrição. Enfim, ele se chama Julien Duprat.

ROUSSELIN: Ah! Não! não!

GRUCHET: Mas que ideia!

ROUSSELIN: Não falemos mais nisso, ouviu bem, (*reparando num jornal numa mesinha*) Eu tinha desejado me proteger de jornais como este, mas eu não mando aqui, pelo jeito! (*Examinando uma página*) Sim, de novo versos!

GRUCHET: Claro, ele é um poeta!

ROUSSELIN: Eu não gosto de poetas! Um bando de palhaços cínicos e irresponsáveis!...

MISS ARABELLE: Eu te asseguro, caro senhor, que eu já conversei com ele, uma vez, passeando sob as árvores, e ele é... um moço educado.

GRUCHET: Quando o senhor o receberia?

ROUSSELIN: Tomara que nunca! (*À Louise*) Tomara que nunca, minha filha!

LOUISE: Oh, eu não o defendo absolutamente!

ROUSSELIN: Eu espero mesmo que não... um miserável desses!

MISS ARABELLE, *com paixão*: Oh!

GRUCHET: Mas por que?

ROUSSELIN: Porque... desculpe, miss Arabelle! (*À sua esposa, mostrando Louise*) Leve-a daqui! Eu tenho que explicar algumas coisas ao Gruchet.

CENA VII

ROUSSELIN, GRUCHET

GRUCHET, *sentando no banco à esquerda*: Bem, estou escutando.

ROUSSELIN, *pegando o jornal*: O folhetim se chama “Ainda à Ela”! “As velhas esfinges ajoelhadas, que são de pedra dura,

“Gemeriam sob a pena horrível que perdura

“Quando...”

Hein? Não estou nem ligando para as tais esfinges!

GRUCHET: Nem eu, mas continuo não entendendo.

ROUSSELIN: Trata-se de uma correspondência... indireta.

GRUCHET: O senhor pode explicar mais claramente?

ROUSSELIN: Veja que eu, na terça-feira da semana passada, pela manhã, caminhando no meu jardim, bem de manhã- eu acordo cedo e gosto de me mexer, - eis que percebo, nas arvores que fazem de muro, sobre a grade feita de bambu...

GRUCHET: Um homem?

ROUSSELIN: Não, uma carta, um grande envelope, como se fosse uma petição, que tinha como endereço simplesmente “À Ela”! Eu a abri, como você deve imaginar, e a li... uma declaração de amor em versos, meu caro! Uma coisa quente... tudo o que a paixão...

GRUCHET: E, é claro, sem assinatura, não é? Nenhum indício?

ROUSSELIN: Permita-me: a primeira coisa a fazer seria conhecer a pessoa que inspirou este delírio e como ela se achava descrita nesta mesma poesia, pois aqui se falava de cabelos negros, então minha suspeita inicial caiu sobre Arabelle, nossa preceptora, tanto mais que...

GRUCHET: Mas ela é loira!

ROUSSELIN: O que se há de fazer? Em versos, algumas vezes, por causa de uma rima, se usa uma palavra em lugar da outra. No entanto, por delicadeza, você sabe como são as inglesas... bem, eu não ousou perguntar a ela.

GRUCHET: E sua esposa?

ROUSSELIN: Ela nem ligou, só me disse: “Você não deveria se preocupar tanto assim”!

GRUCHET: Bem, e o que Julien tem com isso?

ROUSSELIN: Já vamos chegar lá! Por favor, note que a poesia que mencionei começava com essas palavras:

“Quando vejo sua saia entre as laranjeiras”. Ora, eu tenho duas laranjeiras, uma de cada lado de minha grade, e não há outras na vizinhança. É portanto bem para alguém da minha casa

que essa declaração foi feita— a quem? À minha filha, é claro, à Louise! E por quem? Pelo único homem do país que compõe esses versos, Julien! Além do mais, se compararmos o estilo da poesia com o estilo com que se escreve todos os dias nesse jornal, se reconhecerá facilmente que é o mesmo.

GRUCHET, *à parte*: É um tapado mesmo.

ROUSSELIN: Eis aí, o seu protegido. Que ele queria? Seduzir mademoiselle Rousselin?

GRUCHET: Oh!

ROUSSELIN: Talvez casar com ela?

GRUCHET: Seria melhor.

ROUSSELIN: Ah, também acho! Hoje em dia, palavra de honra: não se respeita mais as pessoas! O insolente! Quero alguma coisa com ele, por acaso? Que ele rabisque seus artigos! Que faça a apologia dos vermelhinhos (2) de sua espécie! Vai, vai, seu jornalistazinho, correr atrás de herdeiras!

GRUCHET: Bem, há outros que não são jornalistas e que procuram sua filha por seu dote.

ROUSSELIN: Hein?

GRUCHET: Isso está na cara! Vive-se no campo, onde se cultiva pessoalmente as terras de seus ancestrais, por economia, e muito mal. Além do mais, elas são pouco férteis e estão comprometidas com hipotecas. Oito filhos, entre os quais cinco meninas, uma corcunda. É impossível visitar as pessoas durante as semanas por causa de suas roupas. O primogênito dos meninos, que quis especular com a madeira, se embrutece em Mostaganem com o absinto. Suas necessidades de dinheiro são frequentes. O mais novo, graças a Deus, será padre. O último é seu conhecido: tem uma posição social. Mesmo que a existência não seja fácil no castelo, onde a chuva te molha a nuca por causa das goteiras no telhado. Mas fazem planos, e de vez em quando, - os belos dias, aqueles, - se amontoam na pequena diligência familiar que o patriarca conduz ele mesmo, para se renovarem na excelente mesa desse bom Senhor Rousselin, muito feliz em ser frequentado por tão tradicional família.

ROUSSELIN: Agora você está indo longe demais! Essa teimosia...

GRUCHET: Bem, é porque eu não entendo porque o senhor tem tanto respeito por eles, a menos que, por causa de sua antiga dependência...

ROUSSELIN, *com dor*: Gruchet, não fale mais disso, meu amigo. Não fale mais, essa lembrança...

GRUCHET: Ah, não se preocupe. Eles não divulgarão nada, e com bons motivos.

ROUSSELIN: E nesse caso?

GRUCHET: Mas não vê que essa gente nos despreza porque nós somos plebeus, arrivistas? E que eles te invejam, porque o senhor é rico? A oferta de candidatura que acabam de fazer, - devida, eu não tenho dúvidas, às manobras de Bouvigny, e portanto ele se orgulha cinicamente, é um passo para abocanhar a fortuna de tua filha. Mas como o senhor pode muito bem não ser eleito...

ROUSSELIN: Não ser eleito?

GRUCHET: Com certeza! E ela não será por isso menos mulher de um idiota, que se envergonhará de seu sogro.

ROUSSELIN: Oh, eu acredito nos sentimentos deles...

GRUCHET: E se eu mostrar que eles já estão urubus em cima da carniça?

ROUSSELIN: Quem te disse isso?

GRUCHET: Felicité, minha empregada. Você sabe, os domésticos sabem de muitas fofocas sobre os patrões.

ROUSSELIN: Mas qual seria o assunto?

GRUCHET: A cozinheira deles deu a entender que provocaram esse casamento, misteriosamente. E, como a condessa tivesse receio, o conde respondeu, falando do senhor: "Bah! Ele não merece tanta honra!"

ROUSSELIN: Ah, eles me honram!

GRUCHET: Eles acham que está quase tudo resolvido.

ROUSSELIN: Não, graças a Deus que não.

GRUCHET: Eles estão tão totalmente certos do sucesso desse projeto que agora a pouco, diante das damas, Onésime ficava todo empinadinho...

ROUSSELIN: Vejam só!

GRUCHET: Um pouco mais, eu acredito que ele iria me chamar de "você" (3)

PIERRE, *solene*: O senhor Conde de Bouvigny!

GRUCHET: Ah, eu me vou! Até mais, Rousselin! Não se esqueça do que eu te disse! (ele passa por Bouvigny sem tirar o chapéu da cabeça, em seguida faz uma banana com a mão por trás dele) Eu te dei umas boas dicas, hein! (4)

CENA VIII

Rousselin, o Conde de Bouvigny

BOUVIGNY, *com um jeito relaxado*: Essa entrevista que eu pedi, caro senhor, é porque...

ROUSSELIN, *com um gesto o convida a se sentar*: Senhor Conde...

BOUVIGNY, *se sentando*: Entre nós essa cerimônia é inútil, não acha? Eu vim portanto quase certo da sua concordância, para pedir a mão da senhorita sua filha Louise para meu filho, o visconde Onésime-Gaspart-Olivier de Bouvigny. (*Silêncio de Rousselin*). Bem, o que você acha?

ROUSSELIN: Nada, até o momento, caro Senhor.

BOUVIGNY, *exaltadamente*: Eu me esqueci! Há muitas esperanças, não diretas, na verdade! E como dote... uma pensão. .. além do mais, o senhor Dodart, detentor de títulos (*baixando a voz*) não me faltaria... (*Mesmo silêncio*) eu espero.

ROUSSELIN: Meu caro senhor... para mim é uma grande honra, mas...

BOUVIGNY: Mas, como...?

ROUSSELIN: Seria possível, caro senhor Conte, que o senhor tenha exagerado minha fortuna?

BOUVIGNY: Você acha que calculei mal... E que os Bouvigny...!?!

ROUSSELIN: Longe de mim esta ideia! Mas eu não sou tão rico quanto se imagina.

BOUVIGNY, *gracejando*: A diferença não deve ser tão grande!

ROUSSELIN: No entanto, apesar dos proventos... razoáveis, é verdade, nós vivemos sem moderação. Minha mulher tem gostos... elegantes. Eu amo recepcionar, e espalhar o bem-estar ao redor de mim. Eu reparei, às minhas custas, a rota de Bugueux à Faverville. Eu estabeleci uma escola, e fundei, no hospício, um quarto de quatro leitos que receberá meu nome.

BOUVIGNY: Sabemos disso, caro senhor, sabemos disso.

ROUSSELIN: Tudo isso para te mostrar que eu não sou – apesar de filho de banqueiro e banqueiro eu mesmo – o que se chama um homem de dinheiro. E a posição do senhor Onésime não seria um obstáculo, mas há outro: o seu filho tem algum emprego?

BOUVIGNY, *orgulhosamente*: Caro senhor, um nobre não conhece ofício senão o das armas!

ROUSSELIN: Mas ele é um soldado?

BOUVIGNY: Ele espera, para servir a seu país, que o governo tenha mudado...

ROUSSELIN: E enquanto espera...?

BOUVIGNY: Ele viverá em suas terras, como eu, caro senhor.

ROUSSELIN: A usar suas botas de caça, muito bem! Mas eu, caro senhor, eu gostaria mais de dar minha filha a alguém cuja fortuna (6) – desculpe o trocadilho – fosse um tanto menor.

BOUVIGNY: A sua está assegurada.

ROUSSELIN: Pode ser, para quem não tinha nada de seu...

BOUVIGNY: Oh, nada de seu...

ROUSSELIN: Sim, caro senhor, um simples trabalhador, um proletário...

BOUVIGNY, *se levantando*: É desprezar o nascimento!

ROUSSELIN: Seja! Eu sou um filho da Revolução!

BOUVIGNY: Suas maneiras o provam, meu caro senhor!

ROUSSELIN: E eu não me deixo deslumbrar pela pompa dos títulos.

BOUVIGNY: E nem eu pela do ouro... pode acreditar.

ROUSSELIN: Graças a Deus, não se curva mais diante dos grandes senhores como outrora!

BOUVIGNY: De fato, seu avô foi doméstico na minha casa.

ROUSSELIN: Ah, o senhor quer me diminuir? Saia, caro senhor! A consideração é hoje em dia um privilégio todo pessoal! A minha se acha acima de suas calúnias! Não fosse assim, os notáveis que acabam de me oferecer a candidatura...

BOUVIGNY: Eles teriam podido oferecê-la também a mim! E eu a teria recusado, em consideração ao senhor. Mas diante de uma tal indelicadeza, depois da declaração de vossos princípios, e dado que o senhor é um democrata, um partidário da anarquia...

ROUSSELIN: Absolutamente!

BOUVIGNY: Um instrumento de desordem, eu também me declaro candidato! Candidato conservador, que fique claro! E veremos qual de nós dois... eu sou mesmo camarada do prefeito que acaba de ser nomeado. Eu não escondo isso! E ele me apoiará! Boa tarde! (Ele sai).

CENA IX

Rousselin, só

ROUSSELIN: Mas este furioso é capaz de me demolir diante da opinião pública e de me fazer passar por um jacobino! Eu fui talvez tolo em feri-lo. No entanto, dado a fortuna de Bouvigny, me parecia impossível... Não importa, isso é um aborrecimento! Murel e Gruchet já não tinham uma aparência tão tranquila. E era preciso descobrir um meio de persuadir os conservadores... que eu sou... o mais conservador dos homens... Hein, o que é isso?

CENA X

ROUSSELIN, MUREL, uma multidão de eleitores, HEURTLOT, BEAUMESNIL, VOINCHET, HOMBOURG, LEDRU, depois GRUCHET

MUREL: Meu caro concidadão, os eleitores aqui presente, vieram te oferecer, por minha voz, a candidatura pelo partido liberal do distrito.

ROUSSELIN: Mas... caros senhores...

MUREL: O senhor terá totalmente ao seu lado as comunas de Farveville, Harolle, Lahoussaye, Bonneval, Hautot, Saint-Mathieu.

ROUSSELIN: Ah, ah...

MUREL: Randou, Manerville, La Coudrette! Enfim, nós contamos com uma maioria que ultrapassará mil e quinhentos votos, e sua eleição está garantida.

ROUSSELIN: Ah, cidadãos! (*Baixo à Murel*) Eu não sei o que dizer.

MUREL: Deixem-me apresentá-lo a alguns de nossos amigos políticos: primeiro, o mais ardente de todos, um verdadeiro patriota, senhor Heurtelot, pequeno industrial...

HEURTELLOT: Oh, apenas sapateiro, isso não me incomoda.

MUREL: Senhor Hombourg, gerente do hotel *Lion d'or* e empresário de transportes, senhor Voinchet, jardineiro especialista em viveiros, senhor Beaumesnil, no momento sem profissão, o bravo capitão Ledru, da reserva.

ROUSSELIN, *com entusiasmo*: Ah, os militares!

MUREL: E todos nós estamos convencidos que o senhor cumprirá com grandeza esta nobre missão! (*Em voz baixa à Rousselin.*) Fale agora!

ROUSSELIN: Meus senhores... não, meus concidadãos! Meus princípios também são os de vocês! E... certamente que... eu sou um filho do país, como vocês! Ninguém jamais me viu atacar a liberdade, ao contrário! Vocês acharão em mim... um interprete... devotado a seus interesses, um defensor... um homem digno contra as intromissões do Poder.

MUREL, *lhe tomando a mão*: Muito bem, meu caro, muito bem! E não há nenhuma dúvida quanto ao resultado da sua candidatura! Para começar, ela será apoiada pelo *Imparcial!*

ROUSSELIN: O *Imparcial* ao meu lado?

GRUCHET, *saindo da multidão*: Mas tudo está a seu favor! Eu venho da redação. Julien está entusiasmado! (*Baixo a Murel, surpreso por vê-lo*) Ele me deu motivos. Eu te explicarei. (*Aos eleitores*) Vocês me dão licença, meus caros? (*À Rousselin*). Agora, posso imaginar que ao menos eu posso apresentá-lo?

ROUSSELIN: Quem? Desculpe, mas eu já tinha decidido...

GRUCHET: Que eu devo apresentá-lo a Julien. Ele tem vontade de vir.

ROUSSELIN: Isso é... realmente necessário?

GRUCHET: Sim, indispensável!

ROUSSELIN: Bem, então... Certo, seja como você quiser (Gruchet sai).

HEURTELOT: E não é só isso, cidadão, mas a primeira coisa, quando o senhor tomar posse, seria abolir o imposto sobre as bebidas!

ROUSSELIN: As bebidas? Provavelmente!

HEURTELOT: Os outros sempre fazem promessas. Depois dizem: vá passear! Quanto a mim, eu acho o senhor um homem sério. Aperte aqui! (*Estende a mão!*)

ROUSSELIN, *com hesitação*: De boa vontade, cidadãos, de boa vontade!

HEURTELOT: Muito oportunamente! E é preciso por um fim nisso! Já há muito tempo que nós sofremos!

HOMBOURG: Claro, não se faz nada pelos transportes! A aveia está pela hora da morte!

ROUSSELIN: É verdade, precisamos tratar da agricultura!

HOMBOURG: Eu não estou falando da agricultura, eu falo dos transportes!

MUREL: E há mais... Mas, por causa disso, o Governo...

LEDRU: Ah, o Governo! Ele condecora um monte de nulidades!

VOINCHET: E o trajeto que eles fizeram para a ferrovia, que passará por Saint-Mathieu, é de uma burrice...

BEAUMESNIL: Não se pode mais instruir as crianças!

ROUSSELIN: Eu prometo a vocês...

HOMBOURG: Para começar, os direitos de postagem!

ROUSSELIN: Oh, sim!

LEDRU: Levando-se em conta somente o interesse da disciplina!...

ROUSSELIN: É claro!

VOINCHET: Enquanto que se eles tivessem optado por Bonneval...

ROUSSELIN: Certamente!

HEURTELOT: Eu tenho algumas preferências quanto a esse assunto...

ROUSSELIN: Acredito.

HOMBOURG, LEDRU, VOINCHET, BEAUMESNIL, *todos de uma vez*:

(HOMBOURG): E assim, para alugar uma diligência...

(LEDRU): Eu nada peço, no entanto...

(VOINCHET): A propriedade que eu tenho em...

(BEAUMESNIL): Pois enfim, porque existem associações...

MUREL, *elevando a voz*: Cidadãos, desculpem, uma palavra! Cidadãos, nesta circunstância em que nosso caro compatriota, com uma simplicidade de linguagem que eu ousou chamar de tradicional, tem tão bem confirmado nossa esperança, eu sou feliz de ter sido intermediário entre vocês..., e para celebrar este evento, de onde sairão para o distrito – e, talvez, para a França – novos predestinados, permitem-me lhes oferecer, na próxima segunda-feira, uma celebração, na minha fábrica.

OS ELEITORES: Segunda-feira, está bem, na segunda-feira.

MUREL : Só temos que nos retirar, estou certo?

TODOS, *se retirando*: Adeus, senhor Rousselin! Até mais! vamos lá! vocês verão!

ROUSSELIN, *dando apertos de mão*: Meus amigos! Ah, eu me sinto comovido, te asseguro! Uma boa tarde, a todos vocês! (*Os eleitores se afastam*).

MUREL, *à Rousselin*: Especial atenção a Heurtelot, ele é um líder! (*Ele se junta ao fundo com os eleitores*).

ROUSSELIN, *chamando*: Heurtelot!

HEURTELOT: Pois não?

ROUSSELIN: Você poderia me fazer quinze pares de botas?

HEURTELOT: Quinze pares?

ROUSSELIN: Sim, e outro tanto de sapatos. Não que eu tenha que ir viajar, mas eu tenho que ter muitos calçados de reserva.

HEURTELOT: Faremos tudo imediatamente, caro senhor. A suas ordens! (*Ele se junta com os eleitores*).

HOMBOURG: Senhor Rousselin, acaba de me chegar um par de alazões que serão uns mimos em sua carroça. Gostaria de vê-los?

ROUSSELIN: Sim, um dia desses!

VOINCHET: Eu darei ao senhor uma pequena nota, sabe, sobre o traçado da nova ferrovia, de modo que, considerando minhas terras no meio...

ROUSSELIN: Muito bem!

BEAUMESNIL: Eu te apresentarei meu filho, e o senhor concordará que é lamentável deixar uma criança como essa sem educação.

ROUSSELIN: Ao retorno das aulas, esteja certo!

HEURTELOT: Eis um homem! Viva Rousselin!

TODOS: Viva Rousselin! (*Todos os eleitores saem*).

CENA XI

ROUSSELIN, MUREL

ROUSSELIN, *avança para Murel e o abraça*: Ah! Meu amigo! Meu amigo! Meu amigo

MUREL: Acha então que a coisa está sendo bem conduzida?

ROUSSELIN: Eu acho, de um jeito que nem sei como te dizer...

MUREL: Você admite sempre desejou algo assim, não?

ROUSSELIN: Eu acabaria morto! Depois de um ano que eu fiquei isolado aqui, no interior, eu me senti pouco a pouco acomodado. Eu me tornei pesado. Eu cochilava a tarde, depois do almoço. E o médico disse a minha mulher: “é preciso que o seu marido arrume algo para fazer”! Então eu procurei em mim mesmo o que poderia fazer bem.

MUREL: E o senhor pensou em ser deputado?

ROUSSELIN: Naturalmente! Além do mais, eu cheguei à idade onde se deve fazer algo assim. Eu portanto comprei uma Biblioteca, e fiz uma assinatura do *Moniteur*.

MUREL: O senhor pôs as mãos a obra, enfim!

ROUSSELIN: Eu entrei, primeiro, numa sociedade de arqueologia, e comecei a receber, pelo correio, brochuras. Depois, eu fiz parte do conselho municipal, do conselho distrital, e depois do conselho geral. E em todas as questões importantes, com medo de me comprometer... eu sorria. Oh, o sorriso, sempre é um recurso!

MUREL: Mas o público não prestou atenção em suas opiniões, e era preciso – o senhor talvez não saiba...

ROUSSELIN: Oh, eu sei sim... era o senhor, era preciso apenas o senhor!

MUREL: Não, o senhor não está certo disso.

ROUSSELIN: Tão preparado! Ah, que diplomata!

MUREL, *à parte*: Ele mordeu a isca. (*Em voz alta*) Os operários de minha fábrica eram hostis no começo. Homens temíveis, meu caro! No momento, estão todos em suas mãos!

ROUSSELIN: O senhor vale o seu peso em ouro!

MUREL, *à parte*: Eu não peço tanto!

ROUSSELIN, *o contemplando*: Eis aí! O senhor é para mim... Mais que um irmão! É como meu filho!

MUREL, *com prudência*: Mas... eu poderia sê-lo.

ROUSSELIN: Provavelmente! Admitindo que eu sou mais velho.

MUREL: Ou eu... me tornando seu genro. Gostaria disso?

ROUSSELIN, *rindo*: Farsante! O senhor não está falando sério!

MUREL: Mas é claro que sim!

ROUSSELIN: Mas o que! Com seus costumes parisienses!

MUREL: Eu vivo no interior!

ROUSSELIN: Ora! As pessoas não se casam com a sua idade!

MUREL: Tenho trinta e quatro anos, é a época!

ROUSSELIN: Quando se tem, diante de si, um futuro como o seu!

MUREL: Hein? Meu futuro seria estranhamente...

ROUSSELIN: Raciocinemos: Você é apenas o diretor da indústria têxtil de Bugnaux, representante da companhia flamenga. Renda: vinte mil.

MUREL: Mas uma comissão (6) considerável sobre os benefícios.

ROUSSELIN: Mas e num ano ruim para os negócios? E depois, se pode muito bem demiti-lo.

MUREL: Eu irei a outro lugar, onde encontrarei...

ROUSSELIN: Mas você tem dívidas! Promissórias a pagar! Isso te persegue!

MUREL: E tenho meu próprio patrimônio, também. Sem falar que mais tarde...

ROUSSELIN: Você irá me falar da herança de sua tia? Mas você mesmo não conta com ela. Ela mora a oitocentos quilômetros (7) daqui e você se aborrece.

MUREL, *à parte*: Sabe de tudo, essa besta!

ROUSSELIN: Portanto, meu caro, e embora eu não duvide nem um pouco de sua inteligência, nem de sua disposição, eu gostaria mais de dar minha filha... a um homem...

MUREL: Que não tenha nada de seu, e que fosse um tolo.

ROUSSELIN: Não! Mas cuja fortuna, ainda que mínima, seja certa!

MUREL: Ah, sim! Por exemplo?

ROUSSELIN: Sim, meu caro, a um modesto arrendador, a um pequeno proprietário do campo.

MUREL: Eis a opinião (8) que você tem do trabalho!

ROUSSELIN: Agora ouça: a indústria, isso não é seguro. E um bom pai de família deve pensar duas vezes.

MUREL: Enfim, você me recusa a sua filha?

ROUSSELIN: Necessariamente! E em boa consciência, isso não é minha culpa. Sem ressentimentos, não é? (*chamando*) Pierre! Meu mata-borrão, e minha caneta tinteiro. Sente-

se ali! Você preparará minha profissão de fé aos eleitores. (*Pierre traz o que Rousselin pediu e o deposita sobre a pequena mesa à direita*).

MUREL: Eu! O que eu...

ROUSSELIN: Nós a revisaremos (9) em conjunto! Mas comece pelo início. Com a sua verve, eu não estou mais preocupado! Ah, você me deu a pouco uma boa ajuda, para meu discurso! Eu ainda não terminei com você. É gentil! Agora, me vou. Eu vou aos meus pequenos negócios. Alguma coisa bem edificante, não é? Bem quente? (*Ele sai*)

CENA XII

MUREL, só

MUREL: Imbecil! Estou bem arranjado, agora! (*como se estivesse falando com Rousselin (12)*)
Mas, velha besta, você não achará jamais alguém para amá-la como eu! De que maneira me vingar? De preferência se eu pudesse assustá-lo? É um homem que sacrifica tudo para ser eleito! Portanto, seria preciso descobrir um concorrente! Mas quem? (*Entra Gruchet*) Ah!

CENA XIII

MUREL, GRUCHET

GRUCHET: O que deu em você?(11)

MUREL: Arrependimento! Eu fiz uma tolice, e você também.

GRUCHET: Em que?

MUREL: Você estava a pouco com os que sustentam a candidatura de Rousselin! Você o viu!

GRUCHET: E fui mesmo procurar Julien... Ele virá.

MUREL: Não se trata mais dele, mas de Rousselin! Este Rousselin é um asno! Ele não sabe dizer quatro palavras! E nos teremos um deputado de dá pena! (12)

GRUCHET: A ideia não foi minha!

MUREL: Ele sempre se mostrou o mais medíocre possível.

GRUCHET: Com certeza!

MUREL: O que não o impede de ter prestígio. Enquanto que você...

GRUCHET, *encabulado*: Eu, o que?

MUREL: Eu não quero te ofender, mas você não goza, por aqui, da espécie de reputação que rodeia a casa Rousselin.

GRUCHET: Oh! Se eu quisesse! (*Silêncio*)

MUREL, *observando-lhe o rosto*: Gruchet, você seria capaz de investir muito dinheiro?

GRUCHET: Isso não é muito do meu feitio, no entanto...

MUREL: Se alguém dissesse: "Por alguns milhares de francos, você tomará seu lugar, você será deputado!"

GRUCHET: Eu, de...

MUREL: Mas sonhe portanto que ali, em Paris, se está na origem dos negócios! Se conhece uma multidão de pessoas! Até mesmo os ministros! As compras de mercadorias, os primeiros lugares nas novas sociedades, as grandes empreitadas, a Bolsa, se encontra tudo! Que influência! Meu amigo, que oportunidades!

GRUCHET: E como você quer que isso aconteça? Rousselin está quase eleito!

MUREL: Ainda não! Há falta de sinceridade na declaração de seus princípios. E sobre isso a chicana é fácil! Alguns eleitores não estariam contentes. Heurtelot chiaria.

GRUCHET: O sapateiro? Eu tenho contra ele uma demanda (13) para depois de amanhã.

MUREL: Pegue leve; ele é forte! Quanto aos outros, veremos. Eu me arranjurei para que a coisa comece pelos operários da fábrica..., pois é preciso se declarar por você, eu me declararei. O senhor Rousselin não tendo o patriotismo necessário, eu serei forçado a reconhecê-lo. Além do mais, eu o reconheço, não é um palerma?

GRUCHET: Ora essa!

MUREL: Quem te detém? Você é de esquerda? Pois bem, se colocará você na câmara por aí. E mesmo se você não for para lá, só a sua candidatura, tirando votos de Rousselin, o impedirá de ganhar.

GRUCHET: Como isso o faria ranzinza!

MUREL: Uma tentativa não custa nada. Talvez umas centenas de francos nos cabarés.

GRUCHET: Nada mais, você acha?

MUREL: E eu vou percorrer todo o distrito, e você será nomeado e Rousselin afundará. E muitos dos que fazem como se não o conhecessem se inclinarão muito baixo para te dizer: "Senhor deputado, eu tenho a honra de te oferecer minhas homenagens."

Cena XIV

Os mesmos, JULIEN

MUREL: Meu caro Duprat, você não verá mais o senhor Rousselin!

JULIEN: Eu não poderei mais ver...

MUREL: Não! Nós estamos rompidos... Por razões políticas.

JULIEN: Eu não compreendo. Há pouco você me procurou para me mostrar que era preciso apoiar o senhor Rousselin, me dando muitas razões... que eu já tinha repetido ao senhor Gruchet. Ele logo as aceitou, ainda mais que ele deseja...

GRUCHET: Aqui entre nós, meu caro: isso é outra questão, que nada tem a ver com Rousselin.

JULIEN: Por que não se deseja mais isso?

MUREL: Eu repito: ele não é o homem do nosso partido.

GRUCHET, *com fatuidade*: E nós acharemos outro.

MUREL: Você saberá qual. Vamos lá! Não se conspira na casa do inimigo.

JULIEN: O inimigo? Rousselin?

MUREL: Aparentemente, e você terá a obrigação de atacá-lo, no *Imparcial*, vigorosamente!

JULIEN: Por qual motivo? Eu não vejo nada de mal a dizer dele.

GRUCHET: Com imaginação, podemos encontrar.

JULIEN: Eu não sou feito para tal negócio.

GRUCHET: Escute aqui: Você veio a mim primeiro me oferecendo seus serviços e sabendo que eu era amigo de Rousselin, você me implorou – essa é a palavra – para te aproximar dele.

JULIEN: Com muito esforço, você me arrumou isso!

GRUCHET: Não é minha culpa se as coisas tomaram, subitamente, outra direção.

JULIEN: É minha?

GRUCHET: Mas como foi combinado entre nós dois que você começaria uma polêmica contra a Société des Tourières de Grumesnil-les-Arbis, cujo presidente é o conde de Bouvigny, demonstrando a incapacidade financeira do dito senhor – um belo negócio do qual esse velhaco do Dodart me excluiu!...

MUREL, *à parte*: Ah! Esse é o motivo de sua aliança!

GRUCHET: Até agora, você nada tem feito. Portanto, é bom que ao menos desta vez você faça! Isso que eu te peço, além do mais, não é muito difícil...

JULIEN: Não importa! Eu recuso.

MUREL: Julien, você se esqueceu dos termos de nosso engajamento...

JULIEN: Sim, eu sei! Você me contratou para fazer resumos de outros jornais, escrever todas as histórias de cães perdidos, afogamentos, incêndios, todos os tipos de acidentes e de reduzir à medida do espírito local os artigos dos colegas parisienses, num estilo superficial: é uma necessidade, cada metáfora elimina uma assinatura. Eu devo ir às informações, escutar as reclamações, receber todas as visitas, executar um trabalho de condenado, levar uma vida de idiota, e não ter, em qualquer caso, a iniciativa! Bem, uma vez, por acaso, eu peço uma anistia.

MUREL: Tanto pior para você!

GRUCHET: Então, você não tinha que ter pego este lugar!

JULIEN: Se eu tivesse outro!

GRUCHET: Quando não há do que viver, isso é no entanto uma felicidade!

JULIEN, *tomando um ar distante*: (14) Ah, a miséria!

MUREL: Vamos deixá-lo emburrar! Sentemos, para que eu escreva sua profissão de fé.

GRUCHET: Com muito gosto (*eles se sentam*).

JULIEN, *um pouco irritado ao fundo*: Como eu me abandonaria à graça de Deus, não importa aonde, se você não estivesse lá, meu pobre amor. (Observando a casa de Rousselin) Oh! Eu não quero que na sua casa, alguma dor, mesmo a menor, aconteça por minha causa! Que os muros que te abrigam sejam benditos! Mas... sob as acácias, isso me parece... um vestido? Desaparece! Mais nada! Adeus! (*ele se afasta*).

GRUCHET, *o lembrando*: Fique agora. Nós temos uma coisa para te mostrar.

JULIEN: Ah, eu já estou cheio de seu trabalho sujo! (*ele sai*)

MUREL, *dando o papel a Gruchet*: O que você acha disso?

GRUCHET: Está muito bem, obrigado! No entanto...

MUREL: O que tem você?

GRUCHET: Rousselin me preocupa!

MUREL: Um homem sem noção! (15)

GRUCHET: Ei, você não sabe de que ele é capaz – no fundo! E depois, o jovem Duprat não olha para mim com uma expressão das mais calorosas (16).

MUREL: Sua teimosia em conduzir Rousselin deve ter uma causa.

GRUCHET: Sim, ele está apaixonado por Louise!

MUREL: Quem te disse isso?

GRUCHET: O próprio Rousselin!

MUREL, *à parte*: Um outro rival! Bah, eu já enrolei outros mais fortes! (*alto*) Escute-me: eu vou encontrá-lo para o persuadir. Você, enquanto isso, imprima a profissão de fé. Encontre todos os seus amigos, e esteja aqui em duas horas.

GRUCHET: Combinado! (*ele sai*)

MUREL: E agora, senhor Rousselin, é você que me oferecerá sua filha (*ele sai*).

Notas do PRIMEIRO ATO

- (1) Garantir, no caso, talvez seja a melhor tradução para “répondre”.
- (2) No original, "bousingot". Segundo o dicionário online <http://fr.wiktionary.org> essa palavra "en France, après la révolution de 1830, a désigné, non sans une nuance désapprobatrice, un jeune homme affichant des opinions démocratiques jugées outrancières ou démagogiques".
- (3) “tutoyer”, literalmente “tutear”, ou seja, “tratar por tu”, um tratamento antigamente usado entre pessoas com muita intimidade ou para marcar a diferença social entre dois interlocutores. Para o público brasileiro, a ideia mais próxima do original em francês seria a diferença entre tratar uma pessoa por “você” ou por “senhor”.
- (4) Segundo o dicionário online <http://fr.wiktionary.org> a expressão "donner un plat de son métier, servir un plat à sa façon" significa "faire ou dire quelque chose qui tient du caractère que l'on peut avoir de la profession que l'on exerce ou de l'émotion que l'on éprouve." No português do Brasil, a tradução mais aproximada seria "dar uma dica".
- (5) “Fortune”, em francês, significa tanto “fortuna” (riqueza) quanto “sorte”. Rousselin, aqui, observa que Onésime tem a sorte de não precisar trabalhar mas não tem como ganhar a vida.
- (6) “Part”, aqui, tem o sentido que no português falado no Brasil corresponde a palavra “comissão”.
- (7) “Lieux”, uma unidade de distância do antigo regime, equivalente a cerca de quatro quilômetros - "Deux cents lieues", portanto, equivalem a oitocentos quilômetros.
- (8) Nesse contexto, “opinião” é a melhor tradução para “cas”.
- (9) “Revisar” é no contexto a melhor tradução para “revoir” (reverrons), que literalmente significa “rever”.
- (10) “Como se estivesse falando com Rousselin” é uma tradução aproximada de “à la cantonade”, que quer dizer “Action de parler à un personnage qui n'est pas présent sur scène”. (ver http://fr.wiktionary.org/wiki/%C3%A0_la_cantonade).
- (11) "Qu'est-ce qui vous prend?" significa, literalmente, "O que você tem?", que por sua vez pode ser “o que se passa contigo?”

- (12) A palavra "pitoyable" significa tanto piedoso quanto desprezível. A melhor tradução possível para esse caso é "de dá pena".
- (13) No original, "saisie" pode ser uma penhora, um embargo, ou a execução de uma hipoteca. Dado que não se pode especificar pelo contexto, o termo "demanda", que é o mais abrangente (pode ser usado para qualquer tipo de processo cível), foi o escolhido.
- (14) "Tomando um ar distante", pelo contexto, é a melhor tradução para "s' éloignant", que literalmente significa "se distanciando".
- (15) "Sem noção" é a tradução que melhor exprime o significado de "sans consequence", no contexto original.
- (16) "Expressão calorosa" parece ser a melhor tradução para "Air Chaud".

SEGUNDO ATO

O teatro mostra uma calçada sob árvores.

À esquerda, no segundo plano, o Café Francês.

À direita, a entrada da casa de Rousselin.

Com a subida da cortina, se vê um homem colando três cartazes sobre o muro da casa de Rousselin.

CENA I

HEURTELOT, MARCHAIS, O GUARDA RURAL, uma multidão.

O GUARDA RURAL, à *multidão*: Vão! Vão! Deixem o lugar para as proclamações!

A MULTIDÃO: Muito justo!

HEURTELOT: Ah, a profissão de fé de Bouvigny!

MARCHAIS: Claro, pois será o candidato!

HEURTELOT: É Gruchet quem será o candidato! Leia com atenção seu cartaz!

MARCHAIS: Que eu o leia!

HEURTELOT: É!

MARCHAIS: Comece você! (à parte) Ele não sabe ler! (alto) Está bem?

HEURTELOT: Você não?

MARCHAIS: Eu?

HEURTELOT, à *parte*: Ele não sabe soletrar! (*alto*) vamos...

O GUARDA RURAL: E esse impasse! Sosseguem, eu farei isso por vocês! Primeiro, esse do conde de Bouvigny: "Meus amigos, cedendo a fortes apelos, eu penso que devo pedir seus votos..."

HEURTELOT: Entendido! Vamos ao outro! O do Gruchet!

O GUARDA RURAL: "Cidadãos, para obedecer a vontade de alguns amigos eu me ofereço..."

MARCHAIS: Que farsante! Chega!

O GUARDA RURAL: Então eu passo ao do senhor Rousselin! “Meus caros compatriotas, se muitos dentre vocês não me tivessem solicitado tão firmemente, eu não ousaria...”

HEURTELOT: Ele nos faz de bobos! Eu vou rasgar seu cartaz!

MARCHAIS: Eu também, pois é uma traição!

O GUARDA RURAL, *se interpondo*: Vocês não têm o direito!

MARCHAIS: Como, para manter a ordem?

HEURTELOT: Ah, sim, e a liberdade?

O GUARDA RURAL: Deixem os cartazes em paz, ou eu conduzirei ambos à delegacia!

HEURTELOT: É o que se pode esperar do governo! Ele tenta nos constranger, sempre!

MARCHAIS: Não se pode fazer nada!

CENA II

Os mesmos, MUREL, GRUCHET.

MUREL, *a Heurtelot*: Firme em sua posição, hein? Certo! Vão todos tomar um trago!

HEURTELOT: Oh! Mas lá...

MUREL, *aos eleitores*: Entrem, sem cerimônia! Eu já fiz os pedidos, é Gruchet quem paga!

GRUCHET: Até um certo limite, no entanto!

MUREL, *a Gruchet*: Então vamos!

OS ELEITORES: Ah, Gruchet! Bom Gruchet! Um firme e um patriota! (*eles entram todos no café*);

CENA III

MUREL, MISS ARABELLE.

MUREL, *se dirigindo aos portões da casa de Rousselin*: Eu tenho que tentar ver Louise!

MISS ARABELLE, *saindo dos portões*: Senhor, eu quero te falar!

MUREL: Tudo bem, miss Arabelle! E Louise, me diz, ela não está...?

MISS ARABELLE: Mas não tinha alguém aqui com você?

MUREL: Tinha.

MISS ARABELLE: Acho que senhor Julien, não?

MUREL: Não, Gruchet.

MISS ARABELLE: Gruchet! Ah, que homem perverso! É muita falta de vergonha, sua candidatura!

MUREL: Por que, Miss Arabelle?

MISS ARABELLE: O senhor Rousselin lhe emprestou, uma vez, uma soma que não foi paga. Eu vi os papéis.

MUREL, *à parte*: É por isso que Gruchet estava com medo!

MISS ARABELLE: Mas o senhor Rousselin, por delicadeza e cavalheirismo, não quer processá-lo! Ele é muito bom! Apenas bizarro, às vezes. Como em sua cólera contra o senhor Julien...

MUREL: E Louise, miss Arabelle?

MISS ARABELLE: Oh! Quando ela soube ser impossível se casar com você, ela chorou, e muito.

MUREL, *animado*: De verdade?

MISS ARABELLE: De verdade, pobre mocinha! Madame Rousselin é muito dura com ela!

MUREL: E o pai?

MISS ARABELLE: Ele ficou muito irritado!

MUREL: Será que ele se arrepende?

MISS ARABELLE: Oh, não! Mas ele tem medo de você.

MUREL: Espero que tenha mesmo!

MISS ARABELLE: Por causa dos operários, e de *l'Impartial*, onde se diz que você é o mestre!

MUREL, *rindo*: Ah ah!

MISS ARABELLE: Mas não, não é mesmo? Não é o senhor Julien?

MUREL: Continue, miss Arabelle.

MISS ARABELLE: Ah, quanto a mim, estou muito, mas muito triste. E eu queria uma reconciliação.

MUREL: Isso agora me parece muito difícil.

MISS ARABELLE: Oh, não! O senhor Rousselin a deseja, eu estou certa. Tente! Eu te imploro!

MUREL, *à parte*: Ela é divertida!

MISS ARABELLE: É de seu interesse, por causa de Louise! É preciso que todo mundo fique contente: ela, você, eu, o senhor Julien!

MUREL, *à parte*: e de novo Julien! Ah, como sou tolo, ela pela preceptora. Uma musa e um poeta, perfeito! (*em voz alta*) Eu farei o que eu puder. Até mais, Mademoiselle!

MISS ARABELLE, *se despedindo*: Good afternoon, sir! (*percebendo uma velha que lhe faz sinal de vir*) Ah, Félicité! (*Ela saí com ela*)

CENA IV

MUREL, ROUSSELIN

ROUSSELIN, *entrando*: É inacreditável, palavra de honra !

MUREL, *à parte*: Rousselin, agora é você e eu!

ROUSSELIN: Gruchet! Um Gruchet, que quer me passar pra trás! Um miserável que eu defendi, alimentei! E ele se gamba de ser sustentado por você!?!

MUREL: Mas...

ROUSSELIN: De que diabo lhe veio esta ideia de candidatura?

MUREL: Eu não sei disso. Ele veio para cima de mim furioso, dizendo que eu tinha abjurado minhas opiniões.

ROUSSELIN: É porque eu sou moderado! Eu protesto igualmente contra os projetos demagógicos desse leviano Gruchet e o jugo do absolutismo, do qual o senhor Bouvigny é o abominável sustentáculo, o símbolo gótico! Numa palavra, - fiel às tradições do velho espírito francês, - eu pretendo, antes de tudo, o reinado das leis, o governo do país pelo país, com o respeito da propriedade, Ah, entre outras coisas, por exemplo!...

MUREL: Justamente! Você não é considerado muito republicano!

ROUSSELIN: Eu o sou mais que Gruchet, insisto ! Pois eu me declaro, - gostaria que eu imprimisse? – pela supressão das taxas alfandegárias e as municipais sobre a circulação de mercadoria.

MUREL: Bravo!

ROUSSELIN: Eu defendo a autonomia dos poderes municipais, uma melhor composição do júri, a liberdade de imprensa, a abolição de todas as sinecuras e títulos nobiliários!

MUREL: Muito bem!

ROUSSELIN: E a aplicação séria do sufrágio universal! Isso te surpreende? Eu sou assim, sim senhor! Nosso novo prefeito, que apoia a reação, eu lhe escrevi três cartas, como advertência! Sim, senhor! E eu sou capaz de lhe enfrentar face a face, de insultá-lo! Você pode dizer isso aos operários!

MUREL, *à parte*: Será que ele está falando sério?

ROUSSELIN: Você vê, portanto, que preferindo Gruchet a mim... pois, eu repito, ele se vangloria de ser apoiado por você. Ele o proclama por toda cidade.

MUREL: Como você sabe se eu voto nele?

ROUSSELIN: Como?

MUREL: Eu, em política, só sigo as ideias. Ora, as dele não me dão a impressão de serem tão progressivas quanto as suas. Espere um pouco! Isso não terminou!

ROUSSELIN: Oh, não! Isso não terminou! E não se sabe até onde eu posso ir, para agradar aos eleitores. E também, eu me surpreendo por ter sido incompreendido por uma inteligência como a sua.

MUREL: Você me infla! (1)

ROUSSELIN: Eu não duvido de seu futuro!

MUREL: Ah, bom, então, nesse caso...

ROUSSELIN: Então?

MUREL: Para responder a sua confiança, - eu tenho uma pequena confissão a você: - eu ouvi Gruchet depois de sua recusa, e eu cedi a um impulso de raiva.

ROUSSELIN: Tanto melhor. Isso é prova de amor.

MUREL: Como eu adoro sua filha, eu te amaldiçoava.

ROUSSELIN: Meu caro amigo! Ah! Seu afastamento me foi doloroso!

MUREL: Falando sério, se não a tenho, eu morro!

ROUSSELIN: Não é preciso morrer!

MUREL: Oh, você me dá esperanças?

ROUSSELIN: Ah, ah! Depois de um atento exame, sua posição pessoal me parece mais vantajosa...

MUREL, *surpreendido* : Mais vantajosa?

ROUSSELIN: Sim, pois sem contar uma renda de trinta mil francos...

MUREL, *timidamente*: Vinte mil!

ROUSSELIN: Trinta mil! Além do mais, uma participação nos lucros da companhia. E depois, você tem sua tia...

MUREL: A senhora viúva Murel, de Montélimar.

ROUSSELIN: E você é herdeiro dela.

MUREL: Com um outro sobrinho, militar!

ROUSSELIN: Então, há chances de... (*fazendo um gesto de atirar com um fuzil*) Os beduínos! (*ele ri*).

MUREL, *rindo*: Ah, é, você tem razão! As mulheres, mesmo as velhas, mudam de ideia facilmente: aquela lá é caprichosa. Enfim! Caro Rousselin, eu tenho boas razões de acreditar que minha boa tia pensa em mim, às vezes.

ROUSSELIN, *à parte*: Se fosse verdade, no entanto? (alto.) Enfim, meu caro, venha esta tarde, depois do almoço, ali, diante da minha porta, e tente dar a impressão de não me procurar (sai).

CENA V

MUREL, só: Um encontro esta tarde! Mas é um avanço, uma espécie de consentimento. Arabelle dizia a verdade.

CENA VI

MUREL, GRUCHET, depois HOMBOURG, depois FELICITÉ.

GRUCHET: Eis-me aqui! Eu não perdi tempo! Que há de novo? Diga-me!

MUREL: Gruchet, você tem refletido sobre o negócio no qual você se engajou?

GRUCHET: Hein?

MUREL: Não é nada fácil ser deputado.

GRUCHET: Eu não tenho ilusões!

MUREL: Você terá que aguentar muita gente fazendo pedidos.

GRUCHET: Ah, mas eu, prezado, eu estou habituado a despachar pessoas.

MUREL: Não importa, eles bagunçarão seus negócios rapidamente.

GRUCHET: Jamais!

MUREL: E depois, será preciso morar em Paris. Isso é uma despesa.

GRUCHET: Muito bem, eu morarei em Paris! E isso será uma despesa, então!

MUREL: Francamente, eu não vejo nisso muitas vantagens.

GRUCHET: Fale por você! Quanto a mim, eu vejo.

MUREL: Você pode, além do mais, perder apoio. (2)

GRUCHET: Como? Você sabe de alguma coisa?

MUREL: Nada de grave! No entanto, Rousselin... ah, ah, ah! Ele ganha, na minha opinião.

GRUCHET: Ainda há pouco você dizia que é um imbecil!

MUREL: Isso não o impede de ganhar.

GRUCHET: Então, você me aconselha a desistir?

MUREL: Não! Mas é sempre inconveniente ter contra si um homem da importância de Rousselin.

GRUCHET: Sua im-por-tân-cia! (3)

MUREL: Ele tem muitos amigos, suas maneiras são cordiais, enfim, ele sabe agradecer. E enquanto manipula completamente os conservadores, ele posa de republicano.

GRUCHET: Isso é bem conhecido!

MUREL: Ah! Se você conta com o bom-senso do público...

GRUCHET: Mas porque você tem que me desencorajar quando tudo vai de vento em popa? Escuta-me: sem que ninguém no mundo imagine, eu saberei por Félicité, minha criada, tudo o que se passa na casa dele.

MUREL: Isso talvez não seja muito sutil de sua parte. (4)

GRUCHET: Por que?

MUREL: Nem mesmo prudente, pois se diz que você uma vez tomou emprestado

GRUCHET: Quem diz isso? Bem, bem...

MUREL: Seria preciso, para começar, pagar o dinheiro emprestado.

GRUCHET: Para isso, seria preciso de início que você me pagasse o que você me deve! Sejamos justos!

MUREL: Ah! Diante das provas de minha devoção, e no mesmo instante em que eu te presenteio com um excelente conselho, eis o que você pensa! Mas, sem mim, meu bom homem, jamais na vida você seria eleito. Eu me desgasto, embora não tenha qualquer interesse...

GRUCHET: Quem sabe? Nesse caso eu quase nada entendo. Primeiro, você me lança. Depois, você me detêm. (5) Isso que eu devo a Rousselin? Os outros protestariam! Não tenho recursos infinitos. No entanto, seria preciso que eu refaça meus investimentos. E a conta do café que será terrível, - pois aqueles palhaços beberam e beberam! Se você acha que eu não pensarei mais nisso! Isso é mais um abismo do que uma candidatura! (*À Hombourg, que entra*)
Hombourg! O que, ainda?

HOMBOURG: O burguês está lá?

GRUCHET: Ainda não sei!

HOMBOURG: Um momento! Eu tenho um pônei do País de Caux, não é caro, e seria bem útil nas suas jornadas eleitorais.

GRUCHET: Eu as farei a pé, obrigado!

HOMBOURG: É uma boa oportunidade, senhor Gruchet!

GRUCHET: Oportunidades como essa, nós sempre vamos ter!

HOMBOURG: Eu não acredito!

GRUCHET: Agora, isso me seria impossível...

HOMBOURG: ao seu dispor! (*Ele entra na casa de Rousselin*)

MUREL: Você acha que Rousselin agiria assim? Este homem, que tem um albergue, irá atacá-lo junto a seus clientes. Você acaba de perder, talvez, cinquenta votos. Eu estou cansado de te apoiar.

GRUCHET: Vamos com calma! Eu errei! Admitamos que eu não tivesse nada dito. É que você acaba de me importunar com essa sua história do Rousselin, que, para começar, talvez seja falsa. De onde você tirou isso? A menos que ele mesmo... Ah! Talvez seja uma invenção sua, para me testar (*Rumor por trás das cortinas, nos bastidores do teatro*).

MUREL: Escute agora!

GRUCHET: Eu ouço bem!

MUREL: O barulho se aproxima.

VOZES, *atrás das cortinas*: Gruchet! Gruchet!

FÉLICITÉ, *aparecendo à esquerda*: Senhor, eles te procuram!

GRUCHET: a mim?

FÉLICITÉ: Sim, venha imediatamente!

GRUCHET: Eu irei! (*Ele sai precipitadamente com ela e o barulho aumenta*)

MUREL, *saindo pela esquerda*: Todo este tumulto! O que pode ser? (*ele sai*)

CENA VII

ROUSSEIN, depois HOMBOURG

ROUSSELIN, *saindo de sua casa*: Ah! O povo enfim se manifesta! Oxalá que não seja contra mim!

TODOS, *gritando no café*: Enterrados, os burgueses!

ROUSSELIN: Eis que isso se torna inquietante.

GRUCHET, *passando ao fundo, e tentando evitar os cumprimentos*: Meus amigos, deixem-me passar! Não! Realmente!

TODOS: Gruchet! Viva Gruchet! Nosso deputado!

ROUSSELIN: Como, deputado?

HOMBOURG, *saindo da casa de Rousselin*: Com certeza! Pois Bouvigny desistiu da candidatura. *(a multidão se afasta)*

ROUSSELIN: Não é possível!

HOMBOURG: Mas foi, o ministério mudou. O prefeito se demitiu. E ele acaba de escrever a Bouvigny, para instá-lo a fazer como ele, se afastar! *(ele sai por onde a multidão saiu)*.

ROUSSELIN: Muito bem, então, resta apenas *(com a mão sobre o peito, como para dizer: eu)* Mas não! Há ainda Gruchet! *(suspirando)* Gruchet! *(percebendo Dodart, que entra)* O que deseja de mim?

CENA VIII

ROUSSELIN, DODART

DODART: Eu venho para te fazer um serviço.

ROUSSELIN: Da parte de um fiel do senhor conde, isso me surpreende!

DODART: Você apreciará minha conduta mais tarde... o senhor de Bouvigny tendo retirado sua candidatura...

ROUSSELIN, *bruscamente*: Ele a retirou? É verdade?

DODART: Sim, por razões...

ROUSSELIN: Pessoais.

DODART: Como?

ROUSSELIN: Eu disse (6): ele teve razões, eis tudo!

DODART: De fato. E permita-me te advertir duma coisa... importante. Todos aqueles que se interessam pelo seu nome - eu estou entre eles, não duvide disso – começam a temer a violência de seus adversários!

ROUSSELIN: Em que?

DODART: Você então não ouviu os gritos insurrecionais que incitavam a turba de Gruchet! Esse Catilina caipira!

ROUSSELIN, *à parte*: Catilina Caipira... uma expressão feliz! Vou anotar!

DODART: Ele é capaz, meu senhor de... capaz de tudo! E para começar, graças à demência do poço, ele se tornará talvez um dos nossos tribunos.

ROUSSELIN, *à parte*: Isso é de temer!

DODART: Mas os conservadores não desistiram da luta, pode acreditar! Para começar, seus votos (7) pertencem a um homem honesto, que ofereceria garantias. (Rousselin faz um gesto) Oh, não se exigirá dele que pose de retrógrado. Somente algumas concessões... bem simples.

ROUSSELIN: Ah! É coisa desse diabólico Murel!

DODART: Infelizmente, a coisa está feita!

ROUSSELIN, *sonhador*: Sim!

DODART: Como notário e como cidadão, eu lamento tudo isso! Ah! Foi um bom sonho esta aliança da burguesia e da nobreza cimentada em suas duas famílias. E o conde me dizia há pouco, - você seria capaz acreditar?...

ROUSSELIN: Perdão!... Eu tenho toda confiança.

DODART: Ele me dizia, com esse tom cavalheiresco que o caracteriza: "Eu não desejo mal nenhum ao senhor Rousselin"...

ROUSSELIN: Nem eu tampouco, graças a Deus!

DODART: "É o melhor que eu posso desejar, se ele não achar inconveniente..."

ROUSSELIN: Por que seria inconveniente?

DODART: "O melhor que eu posso desejar é me juntar com ele, no interesse do distrito, e da moralidade pública".

ROUSSELIN: É assim, então? Eu o verei com prazer!

DODART: Ele está lá! (aponta para os bastidores) Hei! Venha!

CENA IX

Os mesmos, Conde de Bouvigny

BOUVIGNY, *saudando*: Meu senhor!

ROUSSELIN, *olhando ao redor dele*: Eu estou vendo se alguém...

BOUVIGNY: Ninguém me viu! Não tenha medo! E aceite minhas desculpas sobre...

ROUSSELIN: Não há nada demais...

DODART: Em reconhecer seus erros, não é?

BOUVIGNY: Ah, o que você quer, o amor talvez exagerado por alguns princípios...

ROUSSELIN: Eu também, senhor conde, eu honro os princípios!

BOUVIGNY: E além do mais a doença de meu filho!

ROUSSELIN: Ele não está doente. Há pouco tempo, aqui mesmo...

DODART: Oh, muitíssimo (8) indisposto! Mas ele tem a energia de esconder sua dor. Pobre rapaz! Os nervos! A tal ponto sensível!

ROUSSELIN, *à parte*: Ah! Eu adivinho seu jogo, meu caro. Você vai fazer o meu! (Alto) De fato, depois de ter concebido esperanças...

BOUVIGNY: Oh! Algumas!

ROUSSELIN: Ele deve ter ficado sentido...

BOUVIGNY: Desolado, meu senhor!

ROUSSELIN: De te ver abandonar subitamente esta candidatura.

DODART, *à parte*: Ele está gozando a gente!

ROUSSELIN: Quando você já tinha muitos votos.

BOUVIGNY: Eu tinha muitos votos!

ROUSSELIN, *sorrindo*: Não todos, no entanto!

DODART: Entre os operários, talvez não, mas entre os camponeses, muitíssimos (9)!

ROUSSELIN: Ah! Eram tidos como certos!...

BOUVIGNY: Permita-me! Para começar, a comuna de Bouvigny, onde eu moro, me pertence, não? Assim como as vilas de Sant Léonard, Valencourt, La Coudrette.

ROUSSELIN, *enfaticamente*: Lá, não!

BOUVIGNY: Por que?

ROUSSELIN, *embaraçado*: Eu imaginava!... (À parte) Então Murel teria me enganado?

BOUVIGNY: Eu estou igualmente certo de Grumesnil Ypresmenil, Les Arbois.

DODART, *lendo uma lista que tira de seu portfólio*: Châtillon, Colange, Heurtaux, Lenneval, Bahurs, Saint Filleul, Le Grand-Chêne, la Roche-Aubert, Fortinet!

ROUSSELIN, *à parte*: É assustador!

BOUVIGNY: Manicamp, Dehaut, Lampérière, Saint-Nicaise, Vieville, Sirvin, Château-Régnier, la Chapelle Lebarrois, Mont-Suleau.

ROUSSELIN, *à parte*: Então eu não conhecia a geografia do distrito!

BOUVIGNY: Sem contar que eu tenho amigos numerosos nas comunas de...

ROUSSELIN, *vencido*: Oh! Eu acredito na sua palavra, caro senhor!

BOUVIGNY: Essas pessoas corajosas não sabem mais o que fazer! Elas estão ainda à minha disposição, de resto, me obedecendo como um único homem: - e se eu lhes disser... para votar em... não importa quem... em você, por exemplo...

ROUSSELIN: Meu Deus! Eu não estou numa oposição a tal ponto avançada...

BOUVIGNY: Ah ah ah! A oposição tem sua utilidade!

ROUSSELIN: Como instrumento de guerra, vá lá! Mas não se trata de destruir, é preciso construir!

DODART: Incontestavelmente, nós devemos construir!

ROUSSELIN: Eu também abomino todas essas utopias, essas doutrinas subversivas! Não têm eles a idéia de restabelecer o divorcio, eu te questiono! E a imprensa, é preciso reconhecer, se permite excessos...

DODART: Abomináveis!

BOUVIGNY: Nossos campos estão infestados por uma multidão de livros sem valor (10)!

ROUSSELIN: Eles não têm ninguém para lhes guiar! Ah, teriam bons exemplos na nobreza: e nesse caso, eu compartilho as idéias de alguns panfletários da Inglaterra.

BOUVIGNY: Suas palavras têm para mim o efeito de uma brisa refrescante. E, se nós pudéssemos esperar...

ROUSSELIN: Enfim, senhor conte (misteriosamente), a democracia me assusta! Eu não sei por qual vertigem, qual doutrinação culpado...

BOUVIGNY: Você está indo muito longe!

ROUSSELIN: Não! Eu também tive culpa, pois eu sou conservador, pode acreditar, e talvez por causa de algumas nuances somente...

DODART: Todas as pessoas honestas são feitas para se entenderem.

ROUSSELIN, *apertando a mão de Bouvigny*: Com certeza, senhor conde, com certeza.

CENA X

Os mesmos, MUREL, LEDRU, ONÉSIME, e alguns operários.

MUREL: Meu Deus, eu te encontro sem seus eleitores, meu caro Rousselin!

BOUVIGNY, *à parte*: Eu os tenho como exaltados!

MUREL: Eis aqui alguns outros! Eu lhes demonstrei que as idéias de Gruchet não respondem mais às necessidades de nossa época. E, depois do que você me disse essa manhã, você será mais bem compreendido por eles. Eles não são apenas republicanos, mas socialistas!

BOUVIGNY, com uma expressão de surpresa: Como, socialistas?!?!

ROUSSELIN: Ele me trouxe socialistas!

DODART: Socialistas! Ele não precisa de mim aqui!... (Ele se afasta)

ROUSSELIN, *balbuciante*: Mas...

LEDRU: Sim, cidadão! Nós o somos!

ROUSSELIN: Eu não vejo nada de mal!

BOUVIGNY: E ainda há pouco você falava contra essas infâmias.

ROUSSELIN: Permita-me! Há muitas maneiras de encarar...

ONÉSIME, *aparecendo*: Sem dúvida, muitas maneiras...

BOUVIGNY, *escandalizado*: Até meu filho...

MUREL: Que vem fazer aqui, você?

ONÉSIME: Eu ouvi dizer que havia uma reunião para apoiar o senhor Rousselin, e eu queria lhe dizer que eu compartilho, quase totalmente... o seu sistema (11).

MUREL, *à meia-voz*: Pequeno intrigante!

BOUVIGNY: Eu não esperava, meu filho, um dia te ver, diante do autor dos seus dias, renegar a fé de seus ancestrais!

ROUSSELIN: Muito bem!

LEDRU: Por que muito bem? Pois que esse senhor é o senhor conde! (à Murel, designando Rousselin), e a crê em você, ele pediria a abolição de todos os títulos!...

ROUSSELIN: Certamente!

BOUVIGNY: Como? Ele pediria...

LEDRU: Mas sim!

MUREL: Ah! Isso é o bastante

ROUSSELIN, *querendo retê-lo*: Eu não posso romper abertamente de súbito. Muitos são apenas uns desviados. Vamos manipulá-los!

BOUVIGNY, muito alto: Sem manipulações, caro senhor! Não se faz nenhum pacto com a desordem. E eu te digo que não sou mais por você! - Onésime! (ele sai, seu filho o segue).

LEDRU: Ele estava te apoiando? Nós sabemos a quem seguir! Saudações!

ROUSSELIN: Por sustentar minhas convicções, eu te sacrifiquei um amigo de trinta anos!

LEDRU: Não há necessidade de sacrifícios! Mas você diz ora branco, ora negro. E você me parece ter o ar de um autentico... comediante! Então, nós outros retornamos à Gruchet! Você vem, Murel?

MUREL: Num minuto, eu já alcanço vocês!

CENA XI

ROUSSELIN, MUREL

MUREL: É preciso admitir, meu caro, que você me meteu numa situação embaraçosa!

ROUSSELIN: Você acha que estou numa situação melhor?

MUREL: Minha nossa, seria preciso que você decida, no entanto! Seja de um lado, seja de outro! Mas decida! Termine com isso.

ROUSSELIN: Por que sempre essa necessidade de ser sem ressalvas, e exagerado? Não há em todos os partidos alguma coisa de bom a tomar?

MUREL: Com certeza, seus votos!

ROUSSELIN: Você tem espírito, palavra de honra! Uma sutileza!... Ah, eu não me surpreendo que seja amado!

MUREL: Eu? E quem me ama?

ROUSSELIN: Inocente! Uma senhorita chamada Louise.

MUREL: Que felicidade! Obrigado, obrigado! Agora, eu vou me ocupar de você, galhardamente! Eu diria que não te compreendo. Uma disputa de palavras, um erro. Quanto ao imparcial...

ROUSSELIN: Lá, você é o mestre!

MUREL: Nem tudo está decidido. Nós dependemos de Paris, que dá a palavra de ordem. Você deve mesmo ser atacado!

ROUSSELIN: Desautorize o ataque!

MUREL: Sem dúvida. Mas, como, de imediato, solicitar a Julien o contrário do que lhe foi dito?

ROUSSELIN: Fazer o que, então?

MUREL: Ouça, portanto! Há na sua casa alguém que pode ter influência...

ROUSSELIN: Quem?

MUREL: Miss Arabelle! Segundo algumas palavras que ela me disse, eu tenho todas as razões para acreditar que esse jovem poeta lhe interessa...

ROUSSELIN, *rindo*: Os versos dele seriam pela inglesa?

MUREL: Eu não conheço esses versos, mas eu acho que eles se amam.

ROUSSELIN: Eu estava certo disso! Eu nunca me engano! A partir do momento em que minha filha não está em jogo, eu não arrisco nada. E eu acho muita graça de tudo isso se... eu tenho que conversar com minha mulher sobre isso. Ela deve estar lá, precisamente (12).

MUREL: Eu, enquanto isso, tentarei reconquistar aqueles que perderam o entusiasmo por causa de sua confusão filosófica.

ROUSSELIN: Não vá muito longe, no entanto, temo que Bouvigny, por seu lado...

MUREL: Ah! É necessário que eu reconstrua seu patriotismo! (*Ele sai*).

ROUSSELIN, só: Esforcemos-nos em ser finos, hábeis, profundos!

CENA XII

ROUSSELIN, Mme ROUSSELIN, Miss ARABELLE.

ROUSSELIN, *à Arabelle*: Minha querida criança – pois minha afeição totalmente paternal me permite chamá-la assim, - eu espero um grande serviço de ti. Você teria que se aproximar do Senhor Julien!

ARABELLE, *animada*: Eu posso fazer isso!

MADAME ROUSSELIN, *enfaticamente*: Ah! Como assim?

ARABELLE: Ele fuma seu cigarro todas as tardes debaixo de algumas arvores. Nada há de mais fácil que abordá-lo.

MADAME ROUSSELIN: Considerando as conveniências, melhor seria se fosse comigo...

ROUSSELIN: De fato, seria mais conveniente uma senhora casada.

ARABELLE: Mas eu vou de boa vontade!

MADAME ROUSSELIN: Eu te protegerei, senhorita.

ARABELLE: Eu obedeço, Madame! (*à parte, remoendo*) Com que então ela quer me impedir?...
Atenção! (*Ela desaparece*)

MADAME ROUSSELIN: Você tem às vezes, meu bem, umas ideias estranhas. Encarregar a preceptora de uma coisa dessas! Pois eu acho é por tua candidatura, não é?

ROUSSELIN: Sem dúvida! Eu achava que miss Arabelle, justamente por causa de sentimentos, dos quais eu não duvido, poderia muito bem...

MADAME ROUSSELIN: Ah, você não a conhece. É uma pessoa ao mesmo tempo violenta e dissimulada, escondendo sub aparências romanescas uma alma forte. E eu sinto que é preciso desconfiar dela...

ROUSSELIN: Será que você tem razão? Ali está Julien! Você compreende, não, tudo o que é preciso lhe dizer?

MADAME ROUSSELIN: Ah! Eu saberei me virar!

ROUSSELIN: Eu confio em você! (Rousselin se evade, depois de ter saudado Julien. Está anoitecendo).

CENA XIII

MADAME ROUSSELIN, JULIEN.

JULIEN, notando Madame Rousselin: Ela! (ele joga fora seu cigarro) Sozinha! Como fazer?
(Saudando) Madame!

MADAME ROUSSELIN: Senhor Duprat, não?

JULIEN: Ai de mim, sim, senhora.

MADAME ROUSSELIN: Por que "ai de mim"?

JULIEN: Eu tenho a infelicidade de escrever em um jornal que deve te desagradar.

MADAME ROUSSELIN: Por suas tendências políticas, somente!

JULIEN: Se a senhora soubesse o quanto eu me desgosto com os interesses que me ocupam!

MADAME ROUSSELIN: Mas as inteligências de elite podem se dedicar a tudo sem decair. Teu desdém, é verdade, nada há de surpreendente. Quando se escreve versos tão... memoráveis...

JULIEN: Não é bom a senhora falar assim, Madame! Porque zombar?

MADAME ROUSSELIN: Mas não! Apesar de minha incompetência, talvez, eu creio que você tem futuro...

JULIEN: Um futuro interdito pelo meio onde luto. A arte se desenvolve mal no terreno da província. O poeta que lá se encontra e que a miséria obriga a alguns trabalhos é como um homem que gostaria de correr num atoleiro. Um peso ignóbil sempre gruda em seus calcanhares, o retém. Quanto mais ele se mexe, mais ele se afunda. E no entanto, alguma coisa de indomável protesta e grita dentro de você! Para se consolar do que se faz, se sonha orgulhosamente no que se fará. Depois, os meses fluem, a mediocridade ambiente te penetra, e se chega docilmente à resignação, esta forma tranquila de desespero.

MADAME ROUSSELIN: Eu compreendo, e eu te lastimo!

JULIEN: Ah! Madame, sua piedade é doce, mas ela aumenta minha tristeza!

MADAME ROUSSELIN: Coragem! O sucesso, mais tarde, virá.

JULIEN: Em meu isolamento, é possível?

MADAME ROUSSELIN: Ao invés de fugir do mundo, acompanhe ele! Sua linguagem não é a tua, aprende-a! Submeta-se às suas exigências. A reputação e o poder se ganham pelo contato. E, como a sociedade está naturalmente em estado de guerra, se alinhe no batalhão dos fortes, ao lado dos ricos, dos felizes! Quanto aos teus pensamentos íntimos, não os diga jamais, por dignidade e por prudência. Em algum tempo, quando você morar em Paris, como nós...

JULIEN: Mas eu não tenho meios de viver lá, madame!

MADAME ROUSSELIN: Quem sabe? Com a flexibilidade de seu talento, nada é difícil. E você o utilizará para pessoas que mostrarão sua gratidão. Mas está tarde. Feliz em te rever, meu senhor. (Ela se afasta).

JULIEN: Oh, fique! Em nome do céu, eu te conjuro! Eis a ocasião que espero há tanto tempo. Eu procurava estratégias, inutilmente, para ir até você. Além do mais, eu não entendi muito bem suas últimas palavras. Você espera alguma coisa de mim, talvez? É uma ordem? Dizei-a! Eu obedecerei.

MADAME ROUSSELIN: Que devotamento!

JULIEN: Mas você ocupa minha vida! Quando, para respirar mais facilmente, eu subo a colina, imediatamente, a minha revelia, meus olhos percebem entre as outras tua querida casa, branca na verdura de seu jardim. E o espetáculo de um palácio não me daria tanta luxúria! Às vezes, você aparece na rua, é um brilho ofuscante, e eu me detenho. E depois eu sigo atrás de teus véus, que flutuam atrás da senhora como uma pequena nuvem azul. Mais geralmente eu venho diante da grade, para te ver e ouvir o arrastar de seu vestido ao lado das violetas. Se sua voz se elevava, a menor palavra ou a frase mais ordinária me parecia de um valor ininteligível para os outros. E eu carregava isso, alegremente, como uma aquisição! Não me escorrace! Perdoe-me! Eu tive a audácia de te enviar uns versos. Eles estão perdidos, como as flores que eu colhi no campo, sem poder te oferecer, como as palavras que eu te endereço a noite que você não ouve, pois você é minha inspiração, minha musa, o retrato de meu ideal, minhas delícias, meus tormentos!

MADAME ROUSSELIN: Acalme-se, meu senhor! Este exagero...

JULIEN: Ah! É que eu sou de 1830! Eu aprendi a ler com *Hernani*, e eu teria desejado ser Lara! Eu execro todas as covardias contemporâneas, o ordinário da existência, e a ignomínia das felicidades fáceis! O amor que faz vibrar a grande lira dos mestres enche meu coração. Eu não te separo no meu pensamento de tudo que há de mais belo. E o resto do mundo, ao longe, me parecia uma dependência de tua pessoa. Essas árvores foram feitas para balançar sobre sua cabeça, a noite para te recobrir, as estrelas que irradiam docemente como os teus olhos, para te observar!

MADAME ROUSSELIN: A literatura te eleva, meu senhor! Que confiança uma mulher pode conceder a um homem que não sabe conter suas metáforas, ou sua paixão? Eu acredito na sua sinceridade, no entanto. Mas você é jovem, e você ignora muito do que é indispensável. Outras, em meu lugar, teriam tomado por uma injúria a intensidade de teus sentimentos. Seria preciso ao menos prometer...

JULIEN: Eis que você também treme. Eu bem o percebo! Não se rejeita tal amor!

MADAME ROUSSELIN: Minha temeridade em te escutar surpreende a mim mesma. As pessoas daqui são perversas, meu senhor. A menor irreflexão pode nos perder. O escândalo...

JULIEN: não tenha medo de nada. Minha boca se calará, meus olhos se desviarão, eu terei um ar indiferente. E se eu me apresentar junto a você...

MADAME ROUSSELIN: Mas, meu marido... meu senhor.

JULIEN: Não me fale desse homem!

MADAME ROUSSELIN: Eu devo defendê-lo!

JULIEN: Isto é o que eu tenho feito, - por amor a você!

MADAME ROUSSELIN: Ele saberá disso. E você não terá do que se arrepender de tua generosidade.

JULIEN: Deixe-me me colocar a teus joelhos, afim que eu te contemple de mais perto. Eu executarei, Madame, tudo que ele te pedir! E valorosamente, não duvide. Minha vontade tem se tornado (13) forte. Eu queria me derramar sobre teus dias, com as exaltações da terra, todos os encantamentos da arte, todas as bênçãos do céu...

MISS ARABELLE, *escondida atrás de uma árvore*: Eu estava certa!

MADAME ROUSSELIN: Eu espero de você uma prova imediata de amor, de afeição...

JULIEN: Sim, sim!

CENA XIV

Os Mesmos, MISS ARABELLE, depois MUREL e GRUCHET, e no final ROUSSELIN

MADAME ROUSSELIN, recompondo: Vamos! É preciso que eu volte a entrar.

JULIEN: Ainda não!

GRUCHET: *ao fundo, perseguindo Murel*: Então, devolva-me meu dinheiro!

MUREL, *continuando a andar*: Você me aborrece!

GRUCHET: Cafajeste!

MUREL, *lhe dando um bofetão*: Ladrão!

ROUSSELIN, *entrando, depois de ouvir o barulho do bofetão*: O que é?

JULIEN, *à Madame Rousselin*: Oh! Apenas isso! *(Ele dá em sua mão beijo sonoro)*.

MISS ARABELLE, *reconhecendo Julien*: Ah!

ROUSSELIN: O que está acontecendo? *(Percebendo Miss Arabelle, que se evade)* Arabelle!
Amanhã eu te mandarei embora!

Notas ao SEGUNDO ATO

- (1) No original, “Vous me comblez”, o que significa literalmente “você me preenche”. Parece-nos que a melhor tradução seria “você me infla”, no sentido de ficar “inflado” de orgulho.
- (2) No original, o verbo “échouer” significa “escoar” ou “esvaziar”. Parece-nos, nesse contexto, que significa também “perder apoio”, considerando ainda a versão em inglês: “And you may fail of election, you know.”
- (3) Do original francês “Son im-por-tan-ce !”, que, pronunciado no palco dessa maneira, silabando, dá uma impressão pomposa e irônica, ao mesmo tempo. Na versão em inglês está traduzido como “His importance! Ha! ha!”
- (4) Traduziu-se aqui “délicat” por “sutil”, considerando o contexto, e o verbo “être”, na primeira pessoa singular do indicativo no original, foi posto na primeira pessoa do subjuntivo singular.

- (5) Traduziu-se aqui “Tour à tour” por “primeiro... depois”, que é a mesma solução encontrada pelo tradutor da versão em inglês (“first... after”).
- (6) “Je dis”, tanto pode significar o presente do indicativo quanto o passado simples do verbo “dire”. Optou-se aqui pelo passado simples (na versão em inglês se optou pelo simple present: I say).
- (7) “Voix” pode ser traduzido tanto por “voz” ou “vozes” quanto por “votos”. Aqui, foi escolhido “votos”, dado o contexto.
- (8) Pareceu aqui mais conveniente traduzir um advérbio de intensidade por um superlativo.
- (9) Ver nota (8).
- (10) No original “par un tas de livres”, sendo “tas” um termo coletivo em geral empregado no sentido pejorativo. Na tradução em inglês a expressão usada é “quantities of worthless books”.
- (11) Segundo o site <http://fr.wiktionary.org/wiki/porter> um dos significados do verbo “porter” é “(En particulier) Mettre en avant quelqu’un comme candidat, dans une élection”, sendo esse o provável sentido com que o verbo é usado aqui.
- (12) Esta frase foi traduzida em inglês como “I must tell her everything”.
- (13) “Devenu”, no caso, é literalmente “se tornado”, pois o verbo está no particípio passado. Para manter o sentido foi acrescentado o verbo “ter”, criando uma locução verbal em português.

TERCEIRO ATO

Salão de Flore. Interior de um salão de baile.

Ocupando todo o fundo, um estrado próprio para uma orquestra.

No canto da esquerda, um contrabaixo.

Encostados no muro, instrumentos de música. No centro do muro, um troféu de bandeiras tricolores.

Sobre o estrado, uma mesa com uma cadeira, e duas outras mesas nos dois lados.

Um pequeno estrado mais baixo está no meio, diante do outro.

Toda a cena está cheia de cadeiras.

A certa altura há um balcão, onde se pode circular.

CENA I

ROUSSELIN, só, em primeiro plano, depois um garçom do café.

Se eu comparo a Anarquia a uma serpente, para não dizer hidra? E o poder... a um vampiro? Não, é pretensioso! Eu precisaria no entanto colocar alguma frase de efeito, com características edificantes... como: "Terminar a era das revoluções, camarilha, direitos imprescritíveis, virtualmente", e muitas palavras em *ismo*: "parlamentarismo, obscurantismo!..."

Vamos com calma! Um pouco de ordem. Os eleitores virão, tudo está pronto. Organizou-se um comitê, ontem à tarde. Aqui, o comitê! Aqui, o acento do presidente (ele mostra a mesa, ao centro). Nos dois lados, os dois secretários, e eu, no centro, encarando o público!... Mas sobre o que me apoiarei? Eu precisaria de uma tribuna! Esperando... (ele toma uma cadeira e a coloca diante dele, sobre o pequeno estrado) Bem! E eu colocarei o copo d'água, - pois eu começo a ter uma sede abominável - eu colocarei o copo d'água lá! (ele pega o copo d'água que se encontra sobre a mesa do Presidente, e o coloca sobre sua cadeira). Haverá um pouco de açúcar? (Olhando o açucareiro, que está cheio) Sim!

Todo mundo está presente. O Presidente abre a seção, e alguém toma a palavra. Ele me interpela para me perguntar... por exemplo... Mas para começar quem me interpela? Onde está o indivíduo? À minha direita, eu suponho! Então, eu viro a cabeça, bruscamente! Ele deve estar menos longe? (Ele desmonta uma cadeira, depois remonta). Eu conservo meu ar tranqüilo, enquanto coloco minha mão em meu colete... Se eu vestisse meu casaco? É mais cômodo para o braço! Um redingote (1) vai melhor, pela simplicidade. No entanto, o povo, é bom notar (2), ama a pose (3), o luxo. Vejamos... minha gravata? (Ele se examina com um pequeno espelho de mão, que ele retira de seu bolso). O colarinho um pouco baixo. Não muito, no entanto: assim lembra um cantor de modinhas. Oh! Vai dar certo – com uma palavra de Murel, em boa hora, para me apoiar! Dá no mesmo! Eis um temor que me arreia, e eu sinto um frio na barriga (4)... (Ele bebe) Não é nada. Todos os grandes oradores tiveram sua primeira vez. Vamos, sem fraquezas, meu Deus (5)! Um homem vale bem um outro, e eu valho por muitos! Isso me vem a cabeça... como uma febre! E eu me sinto, palavra de honra, com um topete infernal!

"É de mim que você está falando, senhor!" Aquilo está na cara! Marquemo-nos! (Ele pega uma cadeira e a põe no meio) "É de mim que você está falando, de mim!" Com as duas mãos sobre o peito, me abaixando um pouco. "De mim, que durante quarenta anos... de mim, cujo patriotismo... de mim, que... de mim, pelo qual..." depois, subitamente: "Ah! Você mesmo não

acredita nisso, caro senhor!” E permanecemos sem nos mover! Ele replica: “Suas provas, então! Dê suas provas! Ah! Tome cuidado! Não se brinca com a credulidade pública!” Ele não se surpreende. “Você se cala! Este silêncio te condena! Eu me lembrarei disso! (6)”. Um pouco de ironia agora! Lança-se nele alguma coisa de caustica, com um riso de superioridade. “Ah! ah!” Ensaíemos o riso de superioridade. “Ah! ah! ah! Eu me confesso vencido, efetivamente! perfeito!” Mas os dois outros que estão lá! - eu os reconhecerei, - gritam que eu me insurjo contra nossas instituições, ou não importa o que. Então, com um tom furioso: “Mas vocês negam o progresso!” Desenvolvimento da palavra progresso: “Desde o astrônomo com seu telescópio que por ele ousa se guiar... até o modesto aldeão banhado de seus suores... o proletário de nossas cidades... o artista cuja inspiração...” E eu continuo até uma frase, onde eu acho um meio de introduzir a palavra “burguesia”. Imediatamente: elogio da burguesia, o terceiro Estado, os cadernos (7), 1789, nosso comércio, riqueza nacional, desenvolvimento do bem-estar pela ascensão progressiva das classe médias. Mas um operário: “Tudo bem! E o povo, o que você fará?” Eu começo: “Ah! O povo, ele é grande”, e eu o adulo, eu enfio isso em sua cabeça! Eu exalto Jean-Jacques Rousseau, que tinha sido um doméstico, Jacquard tecelão, Marceau alfaiate: todos os tecelões, todos os domésticos e todos os alfaiates serão bajulados. E, depois que eu tiver trovejado contra a corrupção dos ricos: “Que reprova ao povo? É ser pobre!” Quadro furioso de sua miséria. Bravos! “Ah! para quem conhece suas virtudes, quanto é doce a missão daquele que pode se tornar seu mandatário! E será sempre com um nobre orgulho que eu sentirei em minha mão a mão calosa do operário! Porque seu abraço, por ser um pouco rude, é apenas simpático! Porque todas as diferenças de nível, de título e de fortuna estão, Deus perdoe!, ultrapassada, e que nada é comparável à afeição de um homem de coração!...” E eu me bato sobre o coração! Bravo! Bravo! Bravo!

UM GARÇOM DO CAFÉ:

Senhor Rousselin, eles chegaram!

ROUSSELIN: Retiremo-nos, que eu não tenha uma aparência... terei tempo de procurar meu fraque?... Sim! - correndo! (ele sai).

CENA II

Todos os eleitores, VOINCHET, MARCHAIS, HOMBOURG, HEURTELOT, ONÉSIME, O GUARDA RURAL, BEAUMESNIL, LEDRU, O PRESIDENTE DA ZONA ELEITORAL (8), depois ROUSSELIN, depois MUREL

VOINCHET: Ah! Nós somos numerosos. Isso será divertido, parece.

LEDRU: Para uma reunião política, seria necessário escolher um endereço mais conveniente que o *Salon de Flore*.

BEAUMESNIL: Já que não há outros no lugar! Quem você apoiará, Senhor Marchais?

MARCHAIS: Meu Deus, Rousselin! É ainda ele, depois de tudo...

LEDRU: Eu decidi provocar um tumulto...

VOINCHET: Ora! O filho de Bouvigny.

BEAUMESNIL: O pai é mais sutil, ele não vem.

PRESIDENTE DA ZONA ELEITORAL: Está aberta a seção!

O GUARDA RURAL: Está aberta a seção!

PRESIDENTE DA ZONA ELEITORAL: Senhores! Nós temos que discutir os méritos de nossos dois candidatos para as eleições de domingo. Hoje, vocês vão se ocupar do honorável senhor Rousselin, e amanhã à tarde, do honorável senhor Gruchet. Está aberta a seção.

Rousselin, vestindo um fraque negro, sai de uma pequena porta atrás do presidente, saúda o povo, e permanece em pé no meio do primeiro estrado.

VOINCHET: Eu peço que o candidato nos fale das ferrovias.

ROUSSELIN, *depois de tossir, e pegando um copo d'água*: Se tivesse sido dito nos tempos de Carlos Magno ou mesmo de Luis XIV que viria um dia onde, em três horas, seria possível ir...

VOINCHET: Não é isso! O senhor é da opinião que se dê uma locação à ferrovia que deve passar por Saint-Mathieu, ou a outra que cortaria Bonneval - ideia cem vezes melhor?

UM ELEITOR: Saint-Mathieu é mais vantajoso para os habitantes! Declare-se por isso, senhor Rousselin!

ROUSSELIN: Como eu não seria pelo desenvolvimento dessas gigantescas empresas que mobilizam capitais, provam a genialidade do homem, levam o bem-estar ao seio das populações!...

HOMBOURG: Não é verdade, elas as arruínam!

ROUSSELIN: Você nega portanto o progresso, senhor? O progresso, que desde a astronomia...

HOMBOURG: Mas e os viajantes?...

ROUSSELIN: Com seu telescópio...

HOMBOURG: Ah, se você me embaraça!...

O PRESIDENTE DA ZONA ELEITORAL: Ele está se explicando (9).

HOMBOURG: Os viajantes não se deterão mais no nosso país.

VOINCHET: É porque ele tem uma hospedaria!

ROUSSELIN: Ela é boa, a minha hospedaria!

TODOS: Basta! Basta!

O PRESIDENTE DA ZONA ELEITORAL: Sem violência, senhores!

O GUARDA RURAL: Silêncio!

HOMBOURG: Eis como o senhor defende nossos interesses!

ROUSSELIN: Eu afirmo...

HOMBOURG: Mas você prejudica o transporte por diligências!

UM ELEITOR: Ele apoiará o livre comércio!

ROUSSELIN: Sem dúvida! Pela circulação de mercadorias, um dia a fraternidade dos povos...

UM ELEITOR: É preciso admitir as lãs inglesas! Proclame a libertação das malharias!

ROUSSELIN: E todas as libertações!

OS ELEITORES: (*Lado direito*) Sim! sim! (*Lado esquerdo*) Não! não! fora!

ROUSSELIN: Queira Deus que nós possamos receber em abundância os cereais, as carnes!

UM AGRICULTOR, *de macacão*: Ah, sim, o senhor é gentil com a agricultura!

ROUSSELIN: No momento oportuno responderei sobre a agricultura. (Ele se serve de um copo d'água. Silêncio)

HEURTELOT, *aparecendo no alto, no balcão*: O que o senhor acha dos besouros?

TODOS, *rindo*: Ah! ah! ah!

O PRESIDENTE DA ZONA ELEITORAL: Um pouco de seriedade, senhores!

O GUARDA RURAL: Silêncio! Sem bagunça! Em nome da Lei, sentem-se!

MARCHAIS: Senhor Rousselin, nós queremos saber sua opinião sobre os impostos.

ROUSSELIN: Os impostos, meu Deus... Certamente, são penosos... mas indispensáveis... É uma pompa, - se eu posso me exprimir assim, - que aspira do seio da terra um elemento fertilizador para lhe espalhar sobre o solo. Resta saber se os meios atendem ao objetivo... e se, exagerando... não se chegue algumas vezes à esgotar...

O PRESIDENTE DA ZONA ELEITORAL, *se inclinando a ele*: Encantadora comparação!

VOINCHET: A propriedade imobiliária está sobretaxada.

HEURTELOT: Se paga mais de trinta sous (10) de direito por um litro de conhaque!

LEDRU: A marinha suga nosso dinheiro!

BEAUMESNIL: É que temos necessidade de um Jardim Botânico!

ROUSSELIN: Sem dúvida! sem duvida! sem duvida! Seria preciso trazer imensas, imensas economias...

TODOS: Muito bem!

ROUSSELIN: Por outro lado, o governo economiza demais, quando deveria...

BEAUMESNIL: Educar as crianças de graça!

MARCHAIS: Proteger o comércio!

AGRICULTOR: Encorajar a agricultura!

ROUSSELIN: Certamente!

BEAUMESNIL: Fornecer água e luz gratuitamente em cada casa!

ROUSSELIN: Talvez, sim!

HOMBOURG: O senhor se esquece do transporte por diligências em tudo isso!

ROUSSELIN: Oh!, não, de jeito nenhum! E permita-me resumir num só programa partidário (11), de tomar em conjunto...

LEDRU: Conhecemos a sua maneira de bajular o mundo! Mas se o senhor tivesse diante de Gruchet...

ROUSSELIN: É a mim que você compara Gruchet! A mim!... que se tem visto durante quarenta anos... A mim cujo patriotismo... - Ah! Você mesmo não acredita nisso, caro senhor!

LEDRU: Sim, eu o comparo ao senhor!

ROUSSELIN: Esse Catilina caipira!

HEURTELOT, *indo ao balcão*: O que é isso, Catilina?

ROUSSELIN: É um célebre conspirador que, em Roma...

LEDRU: Mas Gruchet não conspira!

HEURTELOT: Você é da polícia?

TODOS, *à direita, juntos e confusamente*: Ele é! Ele é!

TODOS, *à esquerda, do mesmo modo*: Não, ele não é! (*tumulto*)

ROUSSELIN: Cidadãos! Por Deus! Cidadãos! Eu peço a vocês! Por Deus! Escutem-me!

MARCHAIS: Nós escutamos! (*Rousselin procura dizer qualquer coisa, e permanece mudo. Risos na multidão*)

TODOS, *rindo*: Ah! ah! ah!

O GUARDA RURAL: Silêncio!

HEURTELOT: É preciso que ele se explique sobre o direito ao trabalho.

TODOS: Sim! sim! O direito ao trabalho!

ROUSSELIN: Se escreveu sobre esse assunto vários livros. (*Murmúrios*) Ah! os senhores concordarão comigo que se escreveu, sobre esse assunto, uma enormidade de livros. Os senhores os leram?

HEURTELOT: Não!

ROUSSELIN: Eu os conheço de coração! E se, como eu, os senhores tivessem passado suas noites no silêncio do escritório, a...

HEURTELOT: Fala muito do senhor! Sobre o direito ao trabalho!

TODOS: Sim, sim, o direito ao trabalho!

ROUSSELIN: Sem dúvida, se deve trabalhar!

HEURTELOT: E comandar a obra!

MARCHAIS: Mas e se não houver necessidade disso?

ROUSSELIN: Não importa!

MARCHAIS: O senhor ataca a propriedade!

ROUSSELIN: Ataco? Quando?

MARCHAIS, *se precipitando sobre o estrado*: Ah! o senhor me obriga a ficar fora de mim!

ELEITORES, *de direita*: Desça! Desça!

ELEITORES, *de esquerda*: Não, que ele permaneça ali!

ROUSSELIN: Sim! que ele permaneça! Eu admito todas as contradições! Eu sou pela liberdade! (*Aplausos à direita. Murmúrios à esquerda. Ele se volta para Marchais*) A palavra choca ao senhor? É que o senhor não compreende o ponto econômico, o valor... humanitário! A imprensa os tem esclarecido, no entanto! e a imprensa, - lembremo-nos, cidadãos, - é uma luz, uma sentinela que...

BEAUMESNIL: À questão!

MARCHAIS: Sim, a propriedade!

ROUSSELIN: Muito bem! eu a amo como vocês, eu sou proprietário. Vocês vêm, portanto, que nós estamos de acordo.

MARCHAIS: enquanto isso... hum! enquanto isso!

LEDRU: Ah! O dono d'uma mercearia! (*todo mundo ri*)

ROUSSELIN: Ainda uma palavra! Eu vou lhe convencer! (*À Marchais*) se deve, - não é verdade? - se deve, tanto quanto possível, democratizar o dinheiro, republicanizar o numerário. Mas ele circula, mas ele cai no bolso do povo, e em conseqüente no de vocês. Por isso, imaginemos o crédito.

MARCHAIS: Não se é preciso muito de crédito!

ROUSSELIN: Perfeito! Ah! Muito bem!

LEDRU: Como! Sem crédito?

ROUSSELIN, *à Ledru*: O senhor tem razão. Pois se se tira o crédito, não há dinheiro! e por outro lado, é o dinheiro que faz a base do crédito. Os dois termos são correlativos! (*Sacudindo fortemente Marchais*) O senhor compreende que os dois termos são correlativos? O senhor se cala? este silêncio te condena, eu me lembrarei disso!

TODOS: Basta! basta! (*Marchais volta ao seu lugar*).

ROUSSELIN: Assim se acha resolvida, cidadãos, a imensa questão do trabalho! De fato, sem propriedade, sem trabalho! Os senhores oferecem trabalho porque os senhores são ricos, e sem trabalho, sem propriedade. Os senhores trabalham, não apenas para se tornarem proprietários, mais porque vocês o são! Suas obras fazem o capital, os senhores são capitalistas.

AGRICULTOR: Engraçado tipo de capitalistas!

MARCHAIS: O senhor embrulha tudo!

LEDRU: Isso é debochar de todo mundo!

TODOS: Sim! pelo encerramento! à porta! pelo encerramento!

O PRESIDENTE DA ZONA ELEITORAL: Isso se torna intolerável! não se pode mais...

O GUARDA RURAL: Eu vou evacuar a sala!

ROUSSELIN, *à parte, percebendo Murel, que entra*: Murel!

LEDRU: Que o candidato justifique os elogios que diante de mim ele deu às opiniões de dom Bouvigny! (Aos operários) Vocês estavam lá, vocês também!

ROUSSELIN: Mas... eu... eu...

LEDRU: Ele está perdido!

HEURTELOT: Sofre de “besteirite”!

VOINCHET: Um médico! (*Risos gerais*)

MUREL: Eu também estava lá! O honorável senhor Rousselin pareceu condescender com as idéias de Bouvigny! Ele não esconde isso! Ele se orgulha disso!

ROUSSELIN, *orgulhosamente*: Ah!

MUREL: E foi precisamente por causa dos eleitores que o cercavam, para afirmar suas convicções, fazendo-lhes ver até que ponto pode ir na cabeça de algumas pessoas...

ROUSSELIN: O obscurantismo!

MUREL: Efetivamente. Era, eu digo, um procedimento de tática parlamentar, um ardil... bem legítimo, perdoem-me a expressão, para fazê-lo de bobo.

HEURTELOT: Oh! oh! muito esperto!

LEDRU: Então, ele agiu como um saltimbanco.

MUREL: Mas eu...

HEURTELOT: Não o defenda mais!

LEDRU: E eis o homem que tinha prometido dar uns bofetões no prefeito!

ROUSSELIN: Por que não?

O GUARDA RURAL, *lhe tocando levemente sobre o ombro*: Por favor, senhor Rousselin!

TODOS: Já basta! já basta! pelo encerramento! pelo encerramento! (Todos se levantam. Rousselin faz um geste desesperado, depois se volta para o presidente, que sai).

O PRESIDENTE DA ZONA ELEITORAL: Uma seção pouco favorável, caro senhor. Esperemos que uma outra vez...

ROUSSELIN, *observando Murel*: Murel está indo! (À Marchais, que passa diante dele) Marchais! ah! isso é mal! isso é mal!

MARCHAIS: O que o senhor quer, com suas opiniões?...

Cena III

ROUSSELIN, ONESIME, O GARÇOM DO CAFÉ.

ROUSSELIN, *descendo*: Oh! Meus sonhos!... Eu só posso desaparecer, ou me lançar à água, agora! Sacanearam-me (12), me gozaram! (*Considerando as cadeiras*) Eles estavam lá... sim! e em vez desta multidão em delírio que eu já escutava marchando... (O garçom do café entra, para arrumar as cadeiras) Ah! fatal ambição, perniciosa aos reis como aos particulares!... e sem condições de fazer um discurso! todas as minhas palavras falharam! Como eu sofro! Como eu sofro! (*Ao garçom do café*) Ah! você pode pegá-las! eu não tenho mais necessidade! (*À parte*) A visão delas me dar nos nervos, agora!

O GARÇOM DO CAFÉ, *à Onésime, sobre o estrado, e que se acha oculto pelo contrabaixo*: O senhor continua aí?

ONÉSIME, timidamente: Senhor Rousselin!

ROUSSELIN: Ah! Onésime!

ONÉSIME, *avançando*: Eu queria achar alguma coisa de conveniente... para dizer ao senhor que eu compartilho de seus desgostos...

ROUSSELIN: Obrigado! obrigado! Pois todo mundo me abandona!... até Murel!

ONÉSIME: Ele acaba de sair com o secretário do doutor Dodart!

ROUSSELIN: Se eu fosse encontrá-lo? (Olhando para fora) Há ainda muitas pessoas por aí, e essas pessoas são capazes de se portar comigo de modo desagradável...

ONÉSIME: Eu não acredito!

ROUSSELIN: É o que se viu! Se pode ser ultrajado, ofendido! Ah! a população! eu entendo Nero!

ONÉSIME: Quando meu pai recebeu esta carta do prefeito que lhe tirava toda esperança, ele ficou como o senhor, bem triste! No entanto ele recobrou suas forças, graças à filosofia!

ROUSSELIN: Diga-me, o senhor, que é excelente, não irá me enganar?

ONÉSIME: Oh!

ROUSSELIN: É que o senhor seu pai... (se voltando ao garçom que mexe com as cadeiras) ele é irritante, este garçom! Deixe-nos tranquilos! (O Garçom sai) É que o senhor seu pai tinha tantos votos que o sustentavam? Ele me desfilou uma lista de bairros e vilas!

ONÉSIME: Ele ainda está certo de sessenta e quatro lavradores. Eu vi seus nomes.

ROUSSELIN, *à parte*: É um número, isso!

ONÉSIME: Mas... eu tenho alguma coisa para você. Uma velha mulher, que eu não conheço, me disse quando eu entrava na sessão: "Faça-me o favor de remeter esse bilhete ao senhor Rousselin" (ele lhe dá).

ROUSSELIN: Uma letra graciosa! Vejamos um pouco! (Lendo) “Uma pessoa que se interessa pelo senhor crê ser de seu dever preveni-lo que Mme Rousselin...” (Ele se detém perturbado).

ONÉSIME: Eu devo levar a resposta?

ROUSSELIN, *fazendo caretas e convulsionando*: A... a... a resposta?

ONÉSIME: Sim! Qual?

ROUSSELIN, *furioso*: É um pontapé no imbecil que dá recados como esse! (*Onésime foge*) Uma carta anônima, afinal de contas, eu sou bem besta de me perturbar com isso. (*Ele a amassa e joga fora*) O ódio de meus inimigos não terá limites! Eis uma maquinação que ultrapassa todas as outras! É para me distrair da vida política, para me incomodar e não pensar na minha candidatura. E atacam-me até o fundo da honra! Esta infâmia deve vir de Gruchet... sua empregada está sem cessar rodando em torno da minha casa... (*E ele recolhe a carta, e a lê*) “Que sua mulher tem um amante!” Não existe o amante da minha mulher! – Quais homens podem ser amante dela?

É muito estúpido!... No entanto, uma tarde, sob as árvores, eu ouvi uma bofetada, quase imediatamente seguida de um beijo! Eu tinha visto com certeza miss Arabelle! mas certamente ela não estava só, pois também não houve uma bofetada?... Seria um insolente admitido junto a Mme Rousselin?... Oh! ela me teria dito? E depois, o beijo nesse caso teria precedido a bofetada, enquanto que eu ouvi muito bem uma bofetada, primeiro, e um beijo, depois! Bah! não pensamos nisso! eu bem que tenho outras coisas! não! não! vamos nos concentrar em meus assuntos! (*Ele se prepara para sair*)

CENA IV

ROUSSELIN, GRUCHET.

GRUCHET: Ele não está, o senhor Murel?

ROUSSELIN: O senhor vem debochar, sem dúvida, gozar com minha derrota, acrescentar suas zombarias...

GRUCHET: Absolutamente!

ROUSSELIN: Ao menos, seria preciso se servir de armas leais, senhor!

GRUCHET: O direito está do meu lado!

ROUSSELIN: Eu sei bem que em política...

GRUCHET: Não é a política que me faz agir, mas interesses mais humildes... o senhor Murel...

ROUSSELIN: Ah! eu não estou nem aí para Murel!

GRUCHET: Já tem oito dias que ele me escapa, apesar de suas promessas. E ele se conduz dum maneira abominável! Não contente de ter me usado para violências, - eu podia levá-lo à justiça; eu não quis, por respeito aos homens e consideração à indústria...

ROUSSELIN: Mais rápido, eu te peço!

GRUCHET: O senhor Murel se dedicou, ao chegar aqui, nas operações da bolsa, que foram de início felizes. E ele o tem tão bem... que... uma primeira vez, eu lhe emprestei 10 mil francos. Oh! Ele os pagou, e mesmo com juros! Dois meses depois, outro empréstimo de cinco mil. Mas a sorte tinha mudado. Uma terceira vez...

ROUSSELIN: E o que tenho com isso?

GRUCHET: Enfim, ele me deve atualmente trinta mil duzentos e vinte e seis francos, e quinze centavos!

ROUSSELIN, *à parte*: Ah! é bom saber!

GRUCHET: Esse jovem homem abusou de minha candura! Ele me iludiu com a perspectiva de um belo negócio, um rico casamento.

ROUSSELIN, *à parte*: Malandro!

GRUCHET: Por sua culpa, eu me acho sem dinheiro. Depois de algum tempo, isso me deixou totalmente falido! (*Ele suspira*) E, como o senhor é amigo dele, resolva isso, peça-lhe, para que ele me devolva o que me pertence.

ROUSSELIN: Você, meu rival, me pede isso!

GRUCHET: Eu não jurei o ser para sempre! Eu tenho coração, senhor Rousselin; eu sei reconhecer os bons serviços.

ROUSSELIN: E como! quando eu sou credor de seis mil francos, emprestados anteriormente para começar seus negócios, e dos quais os juros, desde aquela época, chegam a mais de vinte mil!

GRUCHET: É mesmo lá que eu queria chegar. Toma lá, da cá!

ROUSSELIN: Nisso, eu não posso ser melhor que qualquer outra pessoa!

GRUCHET: Pense então que muitas pessoas dependem de mim, e que eu tenho, embora não pareça, alguma influência! Se o senhor me remeter o papel em questão, nós poderíamos nos entender.

ROUSSELIN: Sobre o que?

GRUCHET: Eu liberaria meus eleitores.

ROUSSELIN: E se eu não fosse eleito?... Eu perco meu dinheiro!

GRUCHET: O senhor é muito modesto!

ROUSSELIN: Hein?

GRUCHET: A sua maneira, então! Até o último minuto, haverá tempo! Mais eu repito que o senhor está se enganando! (*Ele se dirige até a esquerda*)

ROUSSELIN: Aonde o senhor vai, por aí?

GRUCHET: Até este gabinete, onde meu amigo Julien deve estar redigindo a ata da seção. Eu asseguro que o senhor está errado!

CENA V

ROUSSELIN, depois MUREL.

ROUSSELIN: É uma trapaça, ou seria a verdade? Quanto a Murel, é um vira-casaca (13) que fazia muito simplesmente uma especulação. Oh! eu suspeitava um pouco disso! Mas agora, eu não vejo porque eu me incomodaria. Ele perdeu seu crédito com as pessoas, e minha fé... (ele sai)

MUREL, *entra animado*: Perdão por tê-lo deixado tão rápido! Eu acabo de deixar Dodart. Que evento, meu caro! Uma felicidade!...

ROUSSELIN: Ah! Você embeleza isso! Eu sou obrigado a receber seus credores. Gruchet exige trinta mil francos!

MUREL: Semana que vem, ele os terá!

ROUSSELIN: Ainda suas fanfarronadas! Você nunca duvida de nada!... o mesmo com minha candidatura! Não somos, na verdade, menos habilidosos. E você tem, mais exatamente...

MUREL: Apoiado Gruchet, não é?

ROUSSELIN: Quase isso! *O Imparcial*, há oito dias, não tem feito nada.

MUREL: Eu estava viajando, e eu voltei sem mesmo esperar...

ROUSSELIN: Uma má desculpa!

MUREL: Os protestos de Gruchet são uma vingança. Eu fiquei perdido por tua causa. Felizmente que...

ROUSSELIN: Mas o que!

MUREL: O senhor me tinha, de qualquer modo, prometido a mão de sua filha...

ROUSSELIN: Oh! oh! Escutemos!

MUREL: Mas então o senhor não sabe que acabo de herdar!

ROUSSELIN: De sua tia, talvez?

MUREL: Certamente!

ROUSSELIN: Essa felicidade é um clichê (14).

MUREL: Eu te juro que minha tia morreu!

ROUSSELIN: Muito bem, enterre-a, e não queira me fazer de bobo com suas histórias de herança.

MUREL: Nada de mais verdadeiro! Apenas, como a pobre mulher morreu depois de minha partida, procuramos se por acaso outro testamento...

ROUSSELIN: Ah! há os *ses*! Muito bem, meu caro, por mim, amo as pessoas seguras das coisas que elas dizem e fazem.

MUREL: Senhor Rousselin, o senhor se esquece do muito que eu posso fazer pelo senhor!

ROUSSELIN: Não muita coisa! Os operários não o escutam mais!

MUREL: Realmente! Por causa de cinco ou seis intrigantes talvez... homens que eu demiti de minha fábrica. Mas há (15) outros!

ROUSSELIN: Por que eles não são visíveis?

MUREL: Como conduzi-los, se eu estava ausente?

ROUSSELIN, *à parte*: Isso é, é uma explicação (16).

MUREL: O senhor não conhece o temperamento deles. E eu apostarei que de hoje até o próximo domingo, se eu quisesse, eu teria tempo... Mas não, eu nem mesmo estou mais nisso (17)... e... eu recomendarei Gruchet!

ROUSSELIN, *à parte*: Ele me faz ameaças!... Será que eu ainda terei chances? (*Alto*) Assim, você crê... que o efeito da reunião... não tem sido totalmente danoso?

MUREL: Ah! o senhor desagradou ao povo?

ROUSSELIN: Mas eu também sou povo! Meu pai era um modesto trabalhador. Eis o que ele precisa lhes dizer, meu caro Murel, e que eu sofro por eles, pois o governo me atingiu há pouco tempo. Volte a tecelaria!

MUREL: Mas escute!... eu trago... - estão somente esperando o atestado de falecimento do meu primo...-

ROUSSELIN: Faça-os compreender!...

MUREL: Primeiro, uma fazenda!

CENA VI

Os Mesmos, MADAME ROUSSELIN, LOUISE

MADAME ROUSSELIN, *falando discretamente*: Louise, siga-me, venha! (18) Que tem você a olhar por aí? (a seu marido) Ah, eu te achei enfim. Eu estava inquieta. Se tivesse bom senso!

ROUSSELIN: Eu não poderia mais...

LOUISE, *percebendo Murel*: Meu caro!

MUREL: Louise!

MADAME ROUSSELIN, *escandalizada*: O que isso significa? É assim que deve se comportar uma jovem (19)? E você mesmo, caro senhor, uma tal familiaridade!...

MUREL: Meu Deus, Madame, o senhor Rousselin poderá te dizer.

MADAME ROUSSELIN: Eu estou realmente curiosa para ver por quais razões minha filha...

ROUSSELIN: Querida, entenda para começar...

LOUISE, *à Murel, à parte*: Eu que insisti com mamãe para vir. Eu sabia que você estava aqui. Senão, não viria!...

MUREL, *igualmente*: É preciso apressar tudo, eu te direi por que. (*Avançando para o senhor e a senhora Rousselin*) Madame, embora eu tenha o hábito de utilizar para tais procedimentos de intermediários, eu devo dispensar isso, e eu te imploro que aceite que me case com Mlle Louise.

MADAME ROUSSELIN: Senhor, meu caro senhor, não se unem as pessoas...

MUREL, *rápido*: Minha nova posição financeira me permite...

ROUSSELIN: Ah! é preciso confirmar!

MADAME ROUSSELIN: Isso é se fora dos processos ordinários...

LOUISE, *sorrindo*: Oh! Mamãe!

MADAME ROUSSELIN: E esta inconveniência, num lugar público!

Julien entra pela porta da esquerda.

CENA VII

Os Mesmos, JULIEN

JULIEN, *a Rousselin*: Eu venho, Senhor, me colocar a tua disposição.

ROUSSELIN: O senhor?

JULIEN: Sim, eu, realmente!

MUREL, *à parte*: Quem o atrai?

JULIEN: Meu jornal tendo uma autoridade de velha data no país, eu posso ser útil ao senhor.

ROUSSELIN, *surpreso*: Mas Murel?

JULIEN: Eu ouvi através desta cerca tudo o que se passou no encontro com os eleitores, e para mim é fácil fazer um relato favorável (designando Murel), desde que tenha a permissão de meu chefe.

MUREL: É verdade! Já tem muito tempo!...

ROUSSELIN: Se você o diz...

MADAME ROUSSELIN, *baixo, a seu marido*: Você vê que eu consegui, hein? (Baixo a Julien) Eu te agradeço.

JULIEN, *igualmente*: Teus olhos me sustentam! está feito!

ROUSSELIN, *a sua Esposa*: Ele é charmoso! Defendido por você, um polemista!...

MUREL: Um talento flexível, claro, pitoresco!

ROUSSELIN: Eu acredito!

MUREL: E de grande violência quando ele resolve utilizá-la (20). (*Baixo a Julien*) Diga que a ideia foi minha, você me obriga a isso.

JULIEN: Apesar dos argumentos de nosso amigo Murel, - pois ele te exaltava com ardor!... - eu permanecia em minha obstinação (*olhando Madame Rousselin*) mas de repente, como que esclarecido por uma luz, e obedecendo a uma voz, eu vi, eu compreendi.

ROUSSELIN: Ah, meu caro senhor, eu estou profundamente tocado (21) de reconhecimento!

JULIEN, *baixo à Mme Rousselin*: Quando eu te reverei?

MADAME ROUSSELIN, *igualmente*: Eu te direi.

ROUSSELIN, *a Julien*: Por exemplo, eu não sei como o senhor consegue tanto sucesso (22)!

JULIEN, *alegremente*: Esse é o meu trabalho!

ROUSSELIN, *a sua Esposa*: Convide o senhor Julien a vir esta noite ceiar conosco, com o maior prazer.

MADAME ROUSSELIN, *fazendo uma reverência*: Mas certamente, com o maior prazer.

JULIEN, *saudando*: Madame!

Notas ao TERCEIRO ATO

- (1) “Rendigote”, traje masculino típico do século XIX, geralmente usado por homens a cavalo. A palavra rendigote existe tanto em português quanto em francês, com a diferença que em francês é uma palavra feminina e em português é masculina.
- (2) Nesse caso, pelo contexto, a melhor tradução para o verbo francês “dire” é “notar” e não “dizer”.
- (3) “Tenue” é um substantivo francês com vários significados, a maioria deles ligados a uma distinção social. “Pose” é provavelmente a melhor tradução.
- (4) Em francês, “j’éprouve à l’épigastre” significa mais ou menos sentir algo na barriga, como no contexto a razão desse sentimento de Rousselin é o nervosismo com a sua candidatura, a melhor tradução parece ser “sinto um friozinho na barriga”, que é uma expressão do português coloquial, como “j’éprouve à l’épigastre” é uma expressão do francês coloquial.
- (5) “ventrebleu”, expressão francesa, originalmente “ventre de Dieu”, sendo que “dieu” foi substituído por “bleu” para evitar blasfêmia.
(ver <http://fr.wiktionary.org/wiki/ventrebleu>)
- (6) No original francês a expressão usada é “J’en prends acte”, que quer dizer “Retenir formellement une information, dans le but de pouvoir s’en prévaloir plus tard”.
(http://fr.wiktionary.org/wiki/prendre_acte).
- (7) Referência aos “Cahiers de Doléances”, registros nos quais a assembleia de cada das circunscrições francesas, encarregadas de eleger os deputados para os Estados Gerais, anotava petições e queixas da população. Seu uso remonta ao século XIV. Os mais notórios são os de 1789. (Mais informações neste link: <http://www.histoirepassion.eu/spip.php?article41>).
- (8) “Le President”, conforme a expressão em francês, que nessa cena media o debate entre os candidatos e entre esses e os eleitores, é o equivalente ao “Presidente da Zona Eleitoral”, no Brasil, embora no Brasil o presidente da Zona Eleitoral não se envolve na campanha eleitoral, mas apenas zela pela lisura do processo eleitoral.
- (9) Essa versão, que não é literalmente exata, se baseia em um dos significados do verbo francês “interpeller”: (Langage parlementaire) Demander à un ministre de s’expliquer sur un acte de son administration, demander au gouvernement de s’expliquer sur sa politique. (ver: <http://fr.wiktionary.org/wiki/interpeller>).
- (10) Sous: antiga unidade monetária que valia um vigésimo de um franco, ou seja, cinco centavos.
- (11) Segundo o dicionário La Rousse, “corps de doctrine” é um “Ensemble organisé de règles, de principes”, o que é a definição de um “programa partidário”.
(ver: <http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/corps/19404>)
- (12) “Faire des gorges chaudes”, uma expressão francesa que significa mais ou menos “sacanear” no português falado no Brasil.

- (13) Segundo o wiktionnaire, "sauteur" é, entre outros significados, "Personne qui change d'opinion quand son intérêt le lui demande". No português falado no Brasil, a melhor tradução é "vira-casaca".
- (14) De todas as traduções possíveis para "rebattue", a menos ilógica parece ser "clichê". A versão inglesa de Walter Dunne traduz a frase assim: "That joke is rather stale."
- (15) Considerando o contexto da declaração de Murel, foi presumido que o verbo "há", que seria "avoir" está subentendido na frase original. Esse é um exemplo do que Meschonic chamaria de acréscimo, um dos exemplos de teratologia em tradução.
- (16) Considerou-se que nesse caso "explicação" é uma tradução melhor para "raison" do que "razão".
- (17) Nova elipse do verbo "avoir". Ver nota 15.
- (18) A expressão francesa "donc" pode significar, entre outras coisas, "Rend plus pressante une demande, une injonction". (<http://fr.wiktionary.org/wiki/donc>). Como esse é o óbvio significado de "donc" no contexto, a melhor tradução para o termo é "venha", que dá mais ênfase ao verbo seguir.
- (19) A expressão francesa "tenue" pode significar, entre outras coisas, "Façon de se tenir, du maintien, des manières ; dignité dans la conduite ; correction, soin dans le style" (<http://fr.wiktionary.org/wiki/tenue>). Como esse é o óbvio significado de "tenue" no contexto, a melhor tradução para a frase "Est-ce une tenue pour une jeune personne ?" é "É assim que deve se comportar uma jovem?". A versão inglesa de Walter Dunne para esta frase é "Louise, is this proper behaviour for a young girl?"
- (20) No original francês está "s'en donner la peine" o que quer dizer "faire l'effort de..." (ver http://fr.wiktionary.org/wiki/se_donner_la_peine). Na versão inglesa de Walter Dunne está "He was plenty of strength, too, when he takes the trouble to use it", uma expressão de idêntico significado (ver <http://idioms.thefreedictionary.com/take+the+trouble>).
- (21) Um dos significados do verbo francês "pénétrer" é "toucher profondément" (ver <http://fr.wiktionary.org/wiki/p%C3%A9n%C3%A9trer>).
- (22) No original francês "vous vous y prendrez", que é uma variação da expressão "s'y prendre", que quer dizer "Mettre plus ou moins d'adresse à ce qu'on fait; employer de bons ou de mauvais moyens pour réussir dans une affaire" (ver: http://fr.wiktionary.org/wiki/s%E2%80%99y_prendre)

QUARTO ATO

Escritório de Rousselin. Ao fundo, uma larga abertura com os campos no horizonte. Muitas portas. À esquerda, uma escrivaninha sobre a qual se acha um relógio de pendulo.

CENA I

PIERRE, depois o Guarda Rural, depois FELICITÉ.

PIERRE, *falando com uma pessoa fora de cena, com voz muito alta*: François, vá com a carruagem pegar oito senhores em Saint-Léonard. E você não voltou a fechar os portões! - É preciso ainda que Elizabeth traga as cartas. - Você não se esqueça, quando voltar, da cartolina para os cartões de visita (1). *(Entra um mensageiro que geme sub um pacotão de jornais)* É pesado, hein? meu bom homem... Ponha isso aqui, certo! *(O homem coloca seu pacotão no chão, ao lado de outro ainda maior)* E desça até a cozinha para se refrescar. Lá se bebe champanhe nos vasos de compotas. Não custa nada, diante das circunstâncias! Esta noite a eleição, e na próxima semana, Paris! Eis que há muito tempo eu desejo lá viver, principalmente pelas ostras e pela Ópera! *(Analisando os dois montes de jornais)* O artigo do senhor Julien, ainda! A quem distribuí-lo? Todo mundo já recebeu, sem exagero, três exemplares dele, no mínimo! E ainda sobra!... Não importa, mãos à obra! *(Ele começa a dividir o monte em pequenos pacotes. Entre o guarda rural)*. Ah! meu bom Morin (2), hoje você está atrasado!

O GUARDA RURAL: É que houve, na casa do senhor Murel, uma espécie de tumulto. Os operários agora estão contra ele, se fala mesmo em chamar a tropa. Ah! isso não vai bem! isso não vai bem! *(ele se põe a ajudar Pierre. Entra Félicité)*.

PIERRE: Ah, Félicité! Bom dia, madame Gruchet.

FÉLICITÉ: Safado!

PIERRE: Você tem ficado zangada depois que seu chefe resolveu competir conosco?

FÉLICITÉ, *secamente*: Isso não me incomoda!... Eu tenho um recado para o seu.

PIERRE: Ele saiu.

FÉLICITÉ: Mas ele voltará para o almoço?

PIERRE: E por acaso se almoça? E por acaso temos tempo? O patrão, da manhã à noite não para, a madame leva ajuda a domicílio (3), e a senhorita, com um grande avental, distribui sopa aos pobres!

FÉLICITÉ: E a preceptora?

PIERRE: Oh! mais melosa do que nunca! *(Ao guarda rural)* Não! assim! *(Dobrando um jornal)* Foi o patrão que me ensinou, de modo a que se veja, à primeira vista, o artigo.

O GUARDA RURAL: Isso causa uma agitação neste distrito!...

PIERRE: Por ser impresso, sem dúvida. (4)

FÉLICITÉ: Enquanto espero, não haveria como dizer umas palavras, a sua inglesa?

PIERRE, *designando a porta da esquerda*: O quarto dela está lá, ao fundo do corredor, à direita.

FÉLICITÉ: Oh! eu sei. (Ela se dirige até a porta).

Pierre: Nosso patrão!

CENA II

Os Mesmos, ROUSSELIN

ROUSSELIN, *entrando, aperta calorosamente a mão de Pierre*: Meu caro Amigo...

PIERRE, *surpreso*: Mas, meu senhor?...

ROUSSELIN: Uma distração, é verdade. O hábito de dar a mão ao primeiro que aparece é mais forte do que eu... Tenho a palma da mão inflamada (ao Guarda Rural) Ah! Muito bem! (Dando-lhe uma gorjeta de maneira discreta) Obrigado!... e... não tenha receio... se você não tiver necessidade...

O GUARDA RURAL, *com um gesto para lhe tranquilizar*: Oh! (*Ele sai com Pierre que o ajuda a carregar os cartazes*).

ROUSSELIN: Ele vai ao fundo de todas as objeções, o artigo! – demonstrando muito bem que é absurdo ter opiniões estabelecidas de início, e que minha conduta é a mais sábia e a mais leal. Ele exalta minhas inspirações (5) administrativas. Ele diz mesmo que eu fiz o que tinha direito de fazer (6), até o primeiro exame. E com as nuances de estilo!... – É no entanto a minha esposa que devo isso!

FÉLICITÉ, *avançando, e lhe entregando uma carta*: Da parte do senhor Gruchet!

ROUSSELIN: Ah! (*Lendo*) “Dê-me o recibo de minha dívida, e eu desisto. O senhor pode confiar em minha empregada”.

Diabo ! Isso é o que se chama você ficar com a corda no pescoço! (7)

Mas, se ele desiste, não há outro concorrente e eu serei eleito! Meu Deus, sim! Isso é bem claro! A soma é pesada, no entanto, e eu não teria mais contra ele nenhum trunfo... Ei, quando se é eleito (8), belo investimento (9)! Por seis mil francos, dos quais eu não falaria mais, que eu teria esquecido... Para que me serviam? Bah! não há nada sem sacrifício! (*Ele abre sua escrivinha*) Você o tem! (*Dando um pequeno papel à Félicité*) Apressa-se! seu patrão espera!

FÉLICITÉ: Obrigado, meu senhor! (*Ela sai*).

ROUSSELIN: A desistência veio tarde! Bah! o escrutínio só precisa ser aberto, e quando eu perder alguns votos...

CENA III

ROUSSELIN, MUREL, DODART.

MUREL: Ah! agora o senhor acreditará em mim. Eu te trago o notário, com todas as suas provas.

DODART: Eis os atos do Estado Civil, e o extrato do inventário estabelecendo os direitos e qualidades de meu cliente à sucessão da Madame Viúva Murel de Montélimart, sua tia.

ROUSSELIN: Meus cumprimentos!

MUREL: Assim, nada se opõe a que...

ROUSSELIN: Que? O que você disse?

MUREL: Meu casamento?

ROUSSELIN: E como quer você que num dia como esse...?

MUREL: Sem dúvida! No entanto, sem nada decidir, se poderia convir...

ROUSSELIN, *a Dodart*: O senhor sabe alguma coisa de novo? Não foi dito ao senhor, por acaso, que Gruchet...

MUREL: Meu caro, parece-me que o senhor poderia conceder mais atenção...

ROUSSELIN: Não! chega de fanfarronice! O senhor faria melhor em não abandonar seus homens. O rumor (10) que eles se dispõem...

MUREL: Mas eu trouxe Dodart oficialmente!

ROUSSELIN: Anda! Nós conversaremos sobre seu caso!

MUREL: O senhor consente, então? Isso está definido?

ROUSSELIN: Sim, mas não perca mais tempo!

MUREL: Ah! conte comigo! Quando eu devia lhes dar de meu bolso um aumento!... (*ele sai*)

CENA IV

ROUSSELIN, DODART, depois MARCHAIS, depois PIERRE, depois ARABELLE.

ROUSSELIN: Um bom moço, esse Murel!

DODART: No entanto, ele se engana! Os operários agora deboçam dele! Quanto a sua fortuna, por exemplo...

MARCHAIS: Saudações, seu criado! O senhor de Bouvigny me manda buscar sua resposta.

ROUSSELIN: Como?

MARCHAIS: A resposta ao que o senhor Dodart te comunicou?

DODART, *batendo na testa*: Mas que mancada! Deve ser minha primeira na carreira de notário!

MARCHAIS, *à Rousselin*: E ele pede um bilhete.

ROUSSELIN: Mas?...

DODART, *a Rousselin*: Eu te digo. (*A Marchais*) Espere com paciência alguns minutos no pátio da casa, certo? (*Marchais sai*) O senhor de Bouvigny, há três dias, me afirmar ainda uma vez que ele tinha se aliado com o senhor...

ROUSSELIN: Eu sei disso.

DODART: E que se o senhor quiser, - avante! se serve dos recursos que temos, se utiliza as armas que temos! Isso talvez não esteja sempre certo... mas...

ROUSSELIN: Ah! você tem uma maneira de falar!...

DODART: Se não fosse o caso de Murel, que irrompeu em meu escritório, e que tomou todos os meus momentos, eu teria rapidamente vindo aqui.

ROUSSELIN: Vamos aos fatos, eu te imploro!

DODART: Se o senhor ceder sua filha a seu filho, é certo, ouça, o conde me disse que estaria certo de te fazer eleger, somente atraindo às urnas sessenta e quatro lavradores.

ROUSSELIN: Esta oferta de Marchais tem condições?

DODART: Decididamente.

ROUSSELIN: Bem, bem... mas Murel!

DODART: De fato, o senhor acaba de prometer-lhe.

ROUSSELIN: Eu lhe prometi?

DODART: Oh! Ligeiramente!

ROUSSELIN: Por assim dizer, quase que não!... No entanto... Enfim, o que o senhor me aconselha?

DODART: É grave, muito grave. Laços de amizade, e mesmo relações de interesse me prendem ao senhor de Bouvigny, e eu estaria encantado por mim... por outro lado, eu não te escondo que o senhor Murel agora... (*à parte*) Um contrato! (*Alto*) É o senhor que deve refletir, ver, pesar as considerações! De um lado o nome, do outro a fortuna. Certamente, Murel se tornou um partido. No entanto, o jovem Onésime...

ROUSSELIN: Que fazer? Ei! minha mulher que eu esquecia! Além do mais eu não posso agir contra sua vontade. (*Ele toca a campainha (11)*) Todo mundo então está morto hoje! (*ele grita*) Minha esposa! Pierre! (*A Pierre que acorre*) Diga à Madame que eu tenho necessidade dela !

PIERRE: Madame não está na mansão!

ROUSSELIN: Vá ao jardim! (Pierre sai) Ela descobrirá um expediente: ela é às vezes de um tato...

DODART: E em certas circunstâncias, eu consulto, como o senhor, minha esposa. E eu devo lhe fazer esta justiça...

PIERRE retorna: Patrão, eu não vi Madame!

ROUSSELIN: Não importa! procure!

PIERRE: A cozinheira acha que Madame saiu há muito tempo.

ROUSSELIN: Para ir aonde?

PIERRE: A Madame não disse a ela!

ROUSSELIN: Você tem certeza disso?

PIERRE: Ah! (Ele sai)

ROUSSELIN: É extraordinário! nunca na vida !...

ARABELLE, entrando muito emocionada: Senhor! Senhor! é preciso que eu te fale! Escute-me! uma coisa importante! oh! muito sério, senhor!

DODART: Devo me retirar, senhorita? (Sinal afirmativo de Arabelle. Ele sai)

CENA V

ROUSSELIN, Miss ARABELLE

ROUSSELIN: O que você quer? Vamos logo com isso!

MISS ARABELLE: Meu Deus, Senhor, perdoa-me se eu ousar... é de seu interesse! A ausência de Madame parecia te... contrariar? e eu acho que posso...

ROUSSELIN: O que é por acaso?

MISS ARABELLE: Sim, senhor, o acaso precisamente! – Sua esposa está com senhor Julien!

ROUSSELIN, *estupefado*: Como?... (depois, subitamente) Sem dúvida! por causa da minha eleição!

MISS ARABELLE: Eu não acho! pois eu os encontrei no Croix Bleue, entrando no pequeno pavilhão, - o senhor sabe, onde se reúnem os caçadores, - e eu ouvi esta frase do senhor Julien, - sem a compreender talvez, apesar da explicação que me dava o senhor Gruchet, a quem acabei de falar disso e que me deu a impressão de compreender melhor do que eu: “Eu deverei ir diante do senhor, e para te dar conhecimento quando o senhor puder entrar (12) sem medo, eu agitarei meu lenço atrás de mim!”

ROUSSELIN: Impossível!!... provas, miss Arabelle! Eu exijo provas!

CENA VI

Os mesmos, DODART, depois LOUISE

DODART, *entra ofegante*: Marchais não quer mais esperar! Do alto do teu banco no parque (13), ele acha mesmo que viu o senhor de Bouvigny que desce pela ladeira, no meio de uma grande multidão!

ROUSSELIN: Os sessenta e quatro lavradores!

DODART: O conde pode fazê-los votar em Gruchet!

ROUSSELIN: Ei! não! pois Gruchet... depois de tudo, esse miserável.... não se sabe!

DODART: Ou fazê-los votar em branco!

ROUSSELIN: É o bastante para me perder!

DODART: E o tempo está passando!

ROUSSELIN, *olhando o relógio de pendulo*: uns quinze minutos até chegarem à prefeitura, felizmente! Que Marchais retorne ao conde, para que ele se reconcilie comigo, ao menos... Onde está Louise? Miss Arabelle, chame Louise! (*Arabelle sai*) Como convencê-la?

DODART: Se o senhor acha que minha intervenção...

ROUSSELIN: Não, isso a desagradaria! Permaneça abaixo, e desde que eu tenha seu consentimento... Mas Bouvigny pede um bilhete! É que poderia nunca...

DODART: A palavra de honra bastará. E depois, eu voltarei para te dizer...

ROUSSELIN: Ei! o senhor não terá tempo! Às quatro horas, a votação termina. Vá rápido!

DODART: Então, eu irei imediatamente à prefeitura...

ROUSSELIN: Que eu gostaria de estar lá, para saber mais cedo...

DODART: Você será rapidamente informado!

ROUSSELIN: Ei! com sua lerdeza...

DODART: Em caso de sucesso, eu te farei um sinal de longe.

ROUSSELIN: Certo!

LOUISE, *entrando*: Você me chamou?

ROUSSELIN: Sim, minha criança! (*A Dodart*) Vá logo, caro amigo!

DODART, *indicando Louise*: É muito necessário que eu espere a decisão da senhorita!

ROUSSELIN: Ah ! é verdade! (*Dodart sai*)

CENA VII

ROUSSELIN, LOUISE.

ROUSSELIN: Louise! você ama seu pai, não ama?

LOUISE: Ah! esta questão!

ROUSSELIN: E você faria tudo por ele...

LOUISE: O que se quisesse!

ROUSSELIN: Bem, escute-me. Nas existências mais tranquilas, catástrofes acontecem. Um honesto homem às vezes se entrega a desregramentos. Suponhamos, por exemplo, - é uma suposição, não outra coisa, - que eu tenha cometido um desses atos, e que para me tirar de lá...

LOUISE: Mas você está me assustando!

ROUSSELIN: Não tenha medo, minha filhinha! É menos grave! Enfim, se eu te pedisse um sacrifício, você se resignaria!... não é um sacrifício que eu peço, uma concessão, somente! Ela te será fácil! As relações entre vocês são novas! Seria preciso então, minha pobre querida, não sonhar mais com Murel!

LOUISE: Mas eu o amo!

ROUSSELIN: Como! Você se deixa levar por suas maneiras, pelos grandes ares que ele se dá?

LOUISE: Para mim, ele parece ser muito bom genro!

ROUSSELIN: E depois, eu não posso te dar detalhes, mas tenho contra ele alguns costumes!...

LOUISE: Isso não é verdade!

ROUSSELIN: Cheio de dívidas! No primeiro dia, se verá desabrigada!

LOUISE: Por quê? Agora ele está rico!

ROUSSELIN: Ah! se você tem apreço ao dinheiro, eu nada tenho a dizer. Eu te julgava de sentimentos mais nobres!

LOUISE: Mas desde o primeiro dia eu o amo!

ROUSSELIN: Você tem o seu pequeno amor próprio também, você! Confessa-o! Você não Desdenha o estrelato, tudo que brilha, os títulos. E você seria bem feliz, em Paris, - quando eu for deputado, - de fazer parte do grande mundo, de frequentar o bairro Saint-Germain... Gostaria de ser condessa?

LOUISE: Eu?

ROUSSELIN: Sim, casando com Onésime.

LOUISE: Nunca na vida! um parvo que só faz olhar a ponta de suas botas, que eu não desejaria nem para criado de quarto, incapaz de dizer duas palavras! E eu teria umas cunhadas charmosas! Elas não sabem nem escrever direito! e um gracioso sogro! que parece um roceiro. Com tudo isso uma arrogância, e uma maneira de se vestir! Elas vestem luvas de lã barata (14)!

ROUSSELIN: Você é muito injusta! Onésime, no fundo, tem muito mais instrução que você pensa. Ele foi educado por um eclesiástico eminente, e a família remota ao XIIº século. Você pode ver no vestibulo uma arvore genealógica. Para as damas, bah, não são leas... mas enfim!... e quanto ao senhor de Bouvigny, não existe com mais lealdade, mais...

LOUISE: Mas você o ultrajava desde que se candidatou, e ele te pagava por igual. Não é como Murel, que te defendeu, aquele! Ele te defende ainda. E é ele que você me diz para esquecer! Eu não entendo nada! O que está acontecendo!

ROUSSELIN: Eu não posso te explicar. Mas porque eu quereria sua infelicidade? Você duvida de minha ternura, de meu bom senso, de meu espírito? Eu conheço o mundo, ora! Eu sei o que te convém! Você não nos deixará! Vocês viverão conosco! Nada será mudado! Eu te imploro, minha Louise querida, tente!

LOUISE: Ah! você me tortura!

ROUSSELIN: Isso não é uma ordem, é uma suplica! (*Ele se põe de joelhos*) Salve-me!

LOUISE, *a mão sobre seu coração*: Não, eu não posso!

ROUSSELIN, *com desespero*: Você se culpará, logo, de ter matado seu pai!

LOUISE, *se levantando*: Ah, faça como você quiser, meu Deus! (*Ela sai*).

ROUSSELIN, *correndo ao fundo*: Dodart, minha palavra de honra, decididamente! (*ele desce novamente*) - Eis dessas coisas que são dolorosas! Pobre pequena! Depois de tudo, por que não amaria ela esse marido? Ele é tão bom quanto qualquer outro! Ele será mesmo mais fácil de manipular que Murel. Não, eu não fiz mal, todo mundo será feliz, pois ele agrada a minha esposa!... Minha esposa!... Ah! Essa serpente da Arabelle com suas invenções!... Embora eu... eu...

CENA VIII

ROUSSELIN e sucessivamente VOINCHET, HOMBOURG, BEAUMESNIL, LEDRU

ROUSSELIN, *percebendo Voinchet*: O senhor não foi votar, certo?

VOINCHET: Daqui a pouco! Nós somos quinze de Bonneval que esperam no Café Francês, para irmos de lá todos juntos à prefeitura!

ROUSSELIN, *com um ar gracioso*: Em que eu posso te ser útil?

VOINCHET: O engenheiro acaba de em dizer que a ferrovia passará decididamente por Saint-Mathieu! Eu tinha então comprado, deliberadamente (15), um terreno. E para ter uma indenização maior, eu tinha mesmo feito uma plantação! Tão bem que eis me aqui embaraçado. Eu quero mudar de indústria, e como me desfazer, de uma hora para outra, de quase quinhentos bergamotes (16), oitocentos passe-colmars (17), trezentos imperadores-da-china, mais de seiscentos pombos?

ROUSSELIN: Eu não posso fazer nada!

VOINCHET: Perdão! Como o senhor tem atrás de teu parque um solo excelente, - somente terra da boa, - por trinta sous cada unidade, eu te cederia com facilidade...

ROUSSELIN, *o reconduzindo*: Bem! bem! Nós veremos mais tarde!

VOINCHET: O negócio está feito, não está? O senhor receberá amanhã a primeira carroça! Oh! com certeza! Eu vou reunir os amigos! (*ele sai pelo fundo*)

HOMBOURG, *entrando pela esquerda*: Não há nada a dizer, senhor Rousselin, é preciso que o senhor me conduza...

ROUSSELIN: Mas eu os tenho, os seus alazões! Já há três dias que eles estão em meu estábulo!

HOMBOURG: É o lugar deles! Mas para os transportes por carroça, as grandes obras, o senhor Bouvigny (o senhor o supera sempre, aquele) tinha rejeitado de mim uma forte égua! que não seria um negócio para mim – quarenta pistoles!

ROUSSELIN: O senhor quer que eu a compre!

HOMBOURG: Isso me seria agradável!

ROUSSELIN: Pois bem, seja!

HOMBOURG: Desculpe, senhor Rousselin, mas... é muito te pedir que... um pequeno adiantamento sobre os alazões, ou o resto, como o senhor preferir?...

ROUSSELIN: Não! (Ele abre sua escrivaninha, e puxa uma gaveta) À prefeitura, onde nós estamos?

HOMBOURG: Oh! vamos bem!

ROUSSELIN: O senhor lá estará?

HOMBOURG: Claro!

ROUSSELIN, *à parte, fechando a gaveta*: Então, nada de pressa!

HOMBOURG, *que viu o movimento*: Quer dizer, eu lá estive... para pegar minha identidade. Eu tenho agora o tempo necessário! (Rousselin abre de novo sua gaveta e dá o dinheiro) Obrigado por sua gentileza! (Falsa saída) O senhor deveria aproveitar uma oportunidade, senhor Rousselin: eu tenho um pequeno pônei do país de Caux...

ROUSSELIN: Oh! Basta!

HOMBOURG: Sendo um pouco fresco, seria bom para Mademoiselle.

ROUSSELIN, *à parte*: Pobre Louise!

HOMBOURG: Um tanto de coquete, enfim, uma distração.

ROUSSELIN, *suspirando*: Sim eu comprarei o pônei! (Hombourg sai pela esquerda).

BEAUMESNIL, *sobre a soleira da porta, à direita*: Duas palavras apenas: eu te trarei meu filho.

ROUSSELIN: Por que fazê-lo?

BEAUMESNIL: Ele está no pátio, onde ele se diverte com o cão. Quer vê-lo? É aquele do qual eu tinha falado, sobre uma bolsa. Nós o esperamos, daqui a pouco.

ROUSSELIN: Eu farei tudo o que me for possível, certamente!

BEAUMESNIL: Esses garotos custam tão caro! E eu tenho sete deles, senhor, fortes como touros (18)!

ROUSSELIN, *à parte*: Ah!

BEAUMESNIL: A prova é que seu mestre de pensão me reclama dois trimestres;... e embora esse pedido... seja humilhante, se o senhor pudesse me emprestar...

ROUSSELIN, *abrindo a gaveta*: Quanto é os trimestres?

BEAUMESNIL, *exibe um longo papel*: Eis! (*ele lhe dá outro papel*) Há, além do mais, alguns mantimentos! (Rousselin dá o dinheiro) Eu corro rápido para dizer aos meus esta boa nova. Francamente, eu estava vindo de forma categórica (19).

ROUSSELIN: Como! E minha eleição?

BEAUMESNIL: Eu pensava que era para amanhã. Eu me vi totalmente isolado na minha família, no meu pequeno círculo! Mas eu me entrego a meus deveres, imediatamente! Imediatamente! (*ele sai pela direita*).

LEDRU, *entrando pelo fundo*: Glorioso! É como se o senhor estivesse eleito!

ROUSSELIN: Ah!

LEDRU: Gruchet se retira. É sabido já há duas horas. Ele tem razão, é prudente! Para dizer a verdade, eu o tenho, secretamente, muito bem demolido. E o senhor deveria reconhecer minha amizade, me ajudando a ter... *(ele mostra sua botoeira)*

ROUSSELIN, *baixo*: A condecoração?

LEDRU, *muito alto*: Se eu não a merecesse, eu não diria nada! Mas em nome de...! Ah! eu te acho muito frio, senhor Rousselin.

ROUSSELIN: Mas, caro amigo, eu não sou ainda ministro!

LEDRU: Não importa! Eu tenho comigo vinte e cinco homens, firmes, - Heurtelot no comando, com operários de Murel, - que estão agora nas barracas do mercado jogando uma partida de bouchon (20). Eu lhes disse que eu iria te propor uma acomodação, e eles me esperam para se decidir. Ora, eu te previno que se o senhor não me jurar me dar a cruz de honra!...

ROUSSELIN: Ei! eu te comprarei quatro das estrangeiras!

LEDRU: Vamos correndo (21), então! *(Ele sai animadamente)*

CENA IX

ROUSSELIN, só, olhando o fundo.

ROUSSELIN: Teremos tempo! Ainda temos cinco minutos! Em cinco minutos as urnas fecham, e então?...

Eu não sonho, portanto! É bem verdade! Eu poderia vislumbrá-lo! Ah! circular nos escritórios, se dizer membro de uma comissão, ser escolhido às vezes como relator, sempre falar somente de orçamento, emendas, subemendas, e participar de tantas coisas... duma consequência infinita! E a cada manhã eu verei meu nome imprimido em todos os jornais, mesmo naqueles que eu não entendo a língua!

O jogo! a caça! as mulheres! se ama algo assim? Mas para o obter, eu daria minha fortuna, meu sangue, tudo! Sim! Eu até dei minha filha! minha pobre filha! (*Ele chora*) Eu tenho remorsos agora. Pois eu não saberei jamais se Bouvigny teve palavra. Não se assina os votos! (*quatro horas soam.*)

Está feito! São contados os votos do escrutínio (22). isso logo terminará! A que eu vou me ocupar durante esse tempo? Alguns íntimos, mesmo que fosse somente Murel que é tão ativo, deveriam estar aqui para me informar dos primeiros buletins!

Ah! os homens! então devotar-se por eles! Se o país não me chama... Bem, tanto pior! que ele encontre outros! Eu terei feito meu dever! (*Ele marcha*) Mas terminamos então! terminamos então! Eles são todos contra mim, os miseráveis! É de morrer! Minha cabeça se vai, eu não a tenho mais! Eu tenho vontade de quebrar meus móveis!

CENA X

ROUSSELIN, um mendigo cego, que toca uma viela.

ROUSSELIN: Ah! não é um eleitor, aquele lá? Se pode chutá-lo! Quem te deu permissão...

O MENDIGO: A casa está aberta, e camaradas me disseram que nela se fazia o bem a todo o mundo, meu caro senhor Rousselin do bom Deus! Só se fala do senhor! Dê-me qualquer coisa! Isso te trará felicidade!

ROUSSELIN, *a si mesmo*: Isso me trará felicidade! (*Ele coloca dois dedos no bolso de seu colete, sonhando*) A esmola, feita em circunstâncias supremas, talvez tenha uma potência que não se conhece...? e eu deveria, esta manhã, ter entrado numa igreja...

O MENDIGO, *tocando a viela*: A caridade, se o senhor fizer o favor!

ROUSSELIN, *tendo apalpado seus bolsos*: Ei! eu não tenho um tostão comigo!

O MENDIGO, *ainda tocando*: Qualquer coisa, por favor?

ROUSSELIN, *remexendo as gavetas de sua escrivaninha*: Não! nem um centavo! nem um trocado! Eu dei tanto desde esta manhã! Este instrumento me enerva! Ah! eu acharei algumas moedas que o afastem.

O MENDIGO: A caridade, por favor! O senhor que dizem tão rico! É por ter dor! Ah! que eu sou fraco! (*Quase caindo, ele se apoia na porta*).

ROUSSELIN, *desencorajado*: Eu não posso bater num cego!

O MENDIGO: A menor das coisas! Eu pedirei a Deus pelo senhor!

ROUSSELIN, *arrancando seu relógio de seu bolso*: Muito bem, tome isso! E o seu sem dúvida terá piedade de mim! (*O mendigo se retira rápido, Rousselin olha o pendulo*) Não aparece ninguém! Há alguma desgraça! ninguém ousa me dizer! Eu bem poderia ir, mas as pernas... Ah! é muito! tudo me parece dar voltas! Eu vou me destruir! (*Ele se prostra sobre o sofá*)

CENA XI

ROUSSELIN, Miss ARABELLE.

Miss ARABELLE, *lhe tocando o ombro*: Olhe! (*ela indica o horizonte com o dedo, Rousselin se inclina para ver*) abaixo do atalho, diante da escola, acima da cerca de arbustos.

ROUSSELIN: Alguma coisa branca que se agita?

Miss ARABELLE: O lenço!...

ROUSSELIN: Mas... eu não distingo!... (*depois, imediatamente, gritando*) Ah! que eu sou besta! é Dodart! Vitória! Sim, minha boa Arabelle. É certeza! veja! correm para cá!

Miss ARABELLE: O mundo vai até as portas (23)! há homens com fuzis! (*tiros*)

ROUSSELIN: É para me celebrar! Bom! ainda! sempre! Pif! Paf! (*Silêncio*) Escute então, meu Deus! (*Barulho de passos rápidos*)

CENA XII

Os mesmos, GRUCHET, depois todo mundo.

ROUSSELIN, *se precipitando até Gruchet*: Gruchet! o que? fale! Bem? - eu sou?

GRUCHET, *olhando-o dos pés à cabeça, depois estoura de rir*: Ah! eu já te digo!

TODOS, *entrando de uma vez, por todos os lados*: Viva nosso deputado! Viva nosso deputado!

Notas do QUARTO ATO

- (1) No original francês se diz "le papetier pour les cartes de visite", e Walter Dunne traduz como "bring home the visiting-cards", mas o significado de "papetier" admitida no wiktionnaire que mais se aproxima do contexto é "Produits à base de papier ainsi que les produits assimilés à ces derniers". Sendo óbvio que o personagem quer um tipo especial de papel para fazer cartões de visita, a melhor tradução é "cartolina".
- (2) O personagem chama ao outro personagem, nessa fala, de "père Morin", sendo "père", segundo o wiktionnaire, um "Homme d'un certain âge que l'on traite avec familiarité. Dans certains cas cette appellation peut contenir une nuance de déférence voire d'admiration affectueuse." (<http://fr.wiktionary.org/wiki/p%C3%A8re>). Nesse caso, parece que a melhor tradução para "père" é "bom".
- (3) A tradução de "porte des secours à domicile" seria, literalmente, "presta consultas médicas a domicílio", mas pelo contexto pareceu melhor "leva ajuda a domicílio". Na versão em inglês de Walter Dunne está "Madame carries his meals to his room when he is at home".
- (4) "tapé", que significa "datilografado", no caso parece que se traduz melhor por "impresso". A expressão "Il l'est" foi traduzida aqui por "sem dúvida", por que o tradutor procurou captar o espírito da frase do original, que diz que o artigo causou agitação por ter sido impresso. Na versão de Walter Dunne a frase foi traduzida como "I believe you, my boy!"
- (5) Talvez "lumières" pudesse ser melhor traduzido como "luzes", mas no caso há risco de ambiguidade: algumas pessoas podem pensar que Rousselin está falando de iluminação pública.
- (6) "j'ai fait mon droit" tem vários significados, todos ligados com estudo de direito/advocacia (ver <http://www.linguee.fr/francais-anglais/traduction/j%27ai+fait+mon+droit.html>). Na versão em inglês de Walter Dunne está "I shall gain only what is in my right".
- (7) A antiga expressão "mettre le couteau sur la gorge" significa "ser ameaçado" (ver <http://www.linternaute.com/expression/langue-francaise/486/avoir-le-couteau>

- [sous-la-gorge](#)). A melhor tradução parece ser "ficar com a corda no pescoço". Na versão em inglês de Walter Dunne está "This might be called putting a knife to a man's throat".
- (8) "il", no caso, é o que se chama de "Sujet explétif d'un verbe sans actant" (ver <http://fr.wiktionary.org/wiki/il>).
- (9) "Avance", no original, um termo francês que significa uma soma de investimento a médio ou curto prazo (ver: <http://fr.wiktionary.org/wiki/avance>).
- (10) "Le bruit court", segundo o dicionário, significa "rumor" em português. (ver http://fr.wiktionary.org/wiki/le_bruit_court).
- (11) "Il sonne", do verbo "sonner", que significa, entre outras coisas, fazer soar um objeto. Pelo contexto, está implícito que ele toca uma campainha para chamar alguém.
- (12) Pelo contexto, "poder entrar" parece ser a melhor tradução para "rentrer", embora o verbo francês "rentrer" não tenha esse significado. (ver <https://fr.wiktionary.org/wiki/rentrer>)
- (13) Pelo contexto, "vignot" parece ser "banco (móvel)", embora a palavra francesa não tenha esse significado. (ver <https://fr.wiktionary.org/wiki/vignot>)
- (14) "Elles portent des gants de bourre de soie", e bourre de soie significa, segundo wiktionnaire, a "partie la plus grossière du cocon, celle qui ne se dévide pas". (Ver <https://fr.wiktionary.org/wiki/bourre>).
- (15) A expressão francesa "tout exprès" é melhor traduzida por "deliberadamente", já que "tout" reforça o caráter adverbial da expressão. (Ver <http://fr.wiktionary.org/wiki/expr%C3%A8s>).
- (16) "bergamotes", em francês, é o nome que se dá a uma espécie de laranja azeda. (ver <http://www.bergamote-nancy.fr/fr/bergamote-nancy.html>)
- (17) "passe-colmar", em francês, é o nome que se dá a uma espécie de pera. (ver <http://www.pomologie.com/poire/poire1/fpoires/passecolmar/passecolmar.html>)
- (18) A expressão francesa "forts comme des Turcs" quer dizer "Très fort, plein de force, costaud, baraqué.", portanto nesse caso a melhor tradução para "turc" é "touro". (ver http://fr.wiktionary.org/wiki/fort_comme_un_Turc)
- (19) Novamente vemos "exprès", só que dessa vez a palavra é melhor traduzida por "de forma categórica". Poderia ser traduzido por "categoricamente", mas o tradutor tomou a decisão de evitar uma rima com "francamente", na mesma frase. (ver nota 15)
- (20) "uma partida de bouchon" – "bouchon" é um jogo francês (ver <http://lamaisondesptitschoux.centerblog.net/62-le-jeux-de-bouchon>).
- (21) "au pas de course" é uma expressão francesa que significa "correndo" (ver https://fr.wiktionary.org/wiki/au_pas_de_course)
- (22) Um dos significados do verbo "dépouiller" é "Compter les suffrages d'un scrutin" (ver <https://fr.wiktionary.org/wiki/d%C3%A9pouiller>)
- (23) O termo "sur" tem vários significados, um deles, e o mais provável aqui, a julgar pelo contexto, é indicar uma direção (ver <http://fr.wiktionary.org/wiki/sur>)